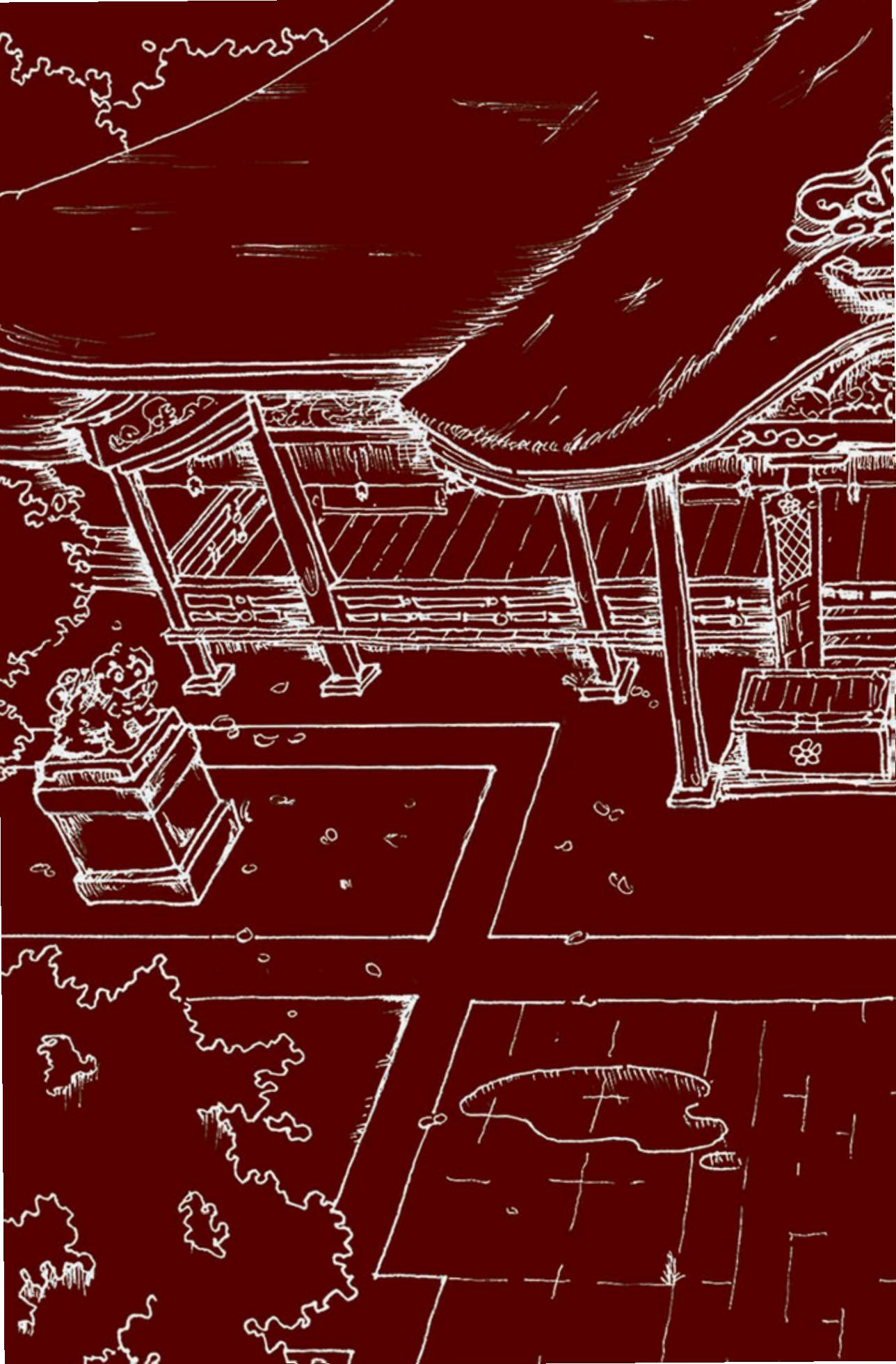


三郎

SABURO



RICARDO ONO



三郎

Texto e arte
Ricardo Ono

Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGArtes
Universidade Federal do Pará
Belém, 2020



Universidade Federal do Pará

Reitor

Emmanuel Zagury Tourinho

Vice-Reitor

Gilmar Pereira da Silva

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Maria Iracilda da Cunha Sampaio



Programa de Pós-Graduação em Artes

Diretora

Valzeli Figueira Sampaio

Vice-diretor

Orlando Franco Maneschky

SABURO

Roteiro, arte, cores, lettering e editoração

Ricardo Harada Ono

Revisão

Rafaele Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA

XXXXX

Saburo/ Ricardo Ono – Belém: Programa de Pós-Graduação
em Arte-UFPA, 2020.

;

ISBN

1.Quadrinhos Nacionais. I. Ono, Ricardo, II. Título.

CDD – 23 ed. 741.5

Elaborado por **

Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGArtes
Universidade Federal do Pará - UFPA
Av. Gov. Magalhães Barata, 611
Belém, Pará, Brasil – CEP 66.060.281
ufpa.ppgartes@gmail.com
Impresso no Brasil

Às vezes você nunca saberá o valor de algo,
até que se torne uma memória.

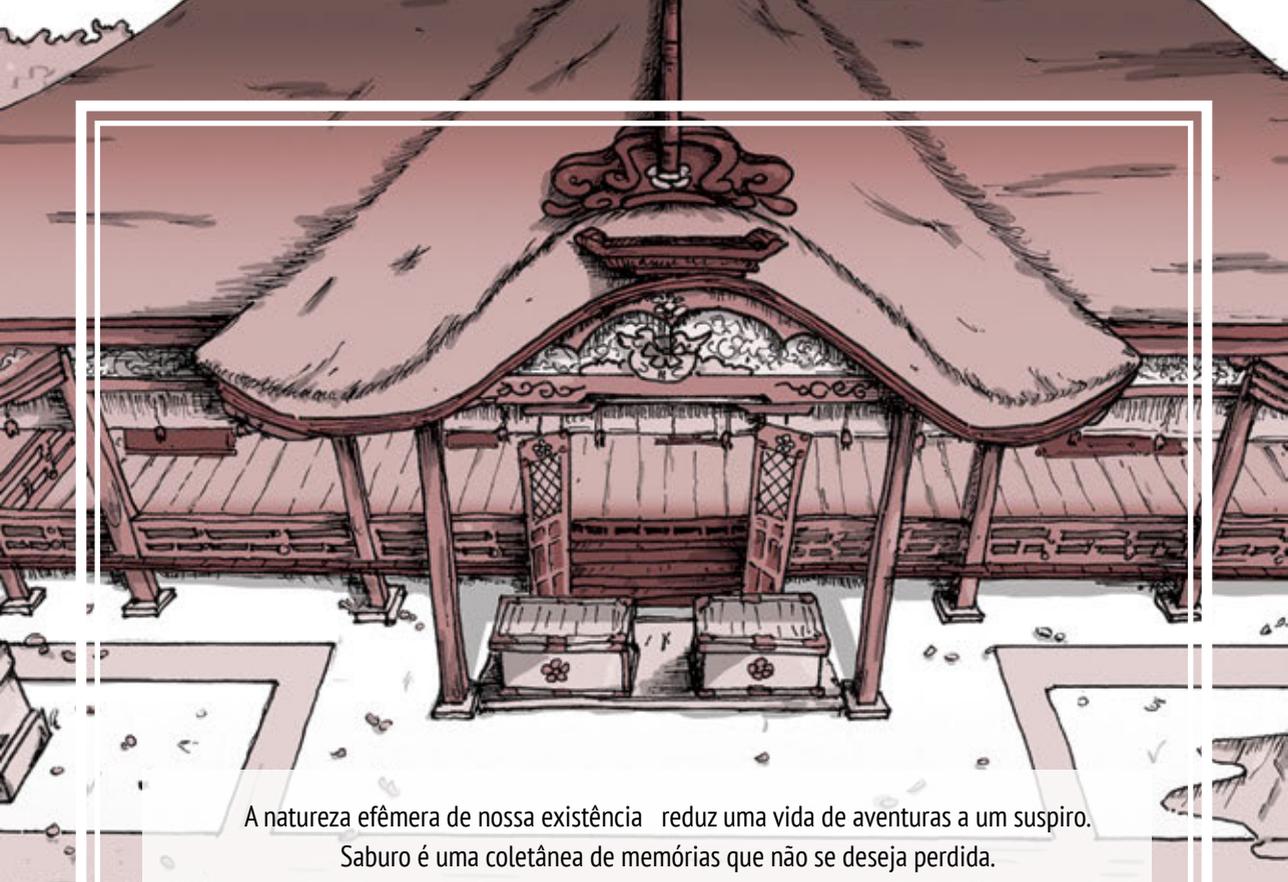
Theodor Seuss Geisel
(Dr. Seuss)

AGRADECIMENTOS

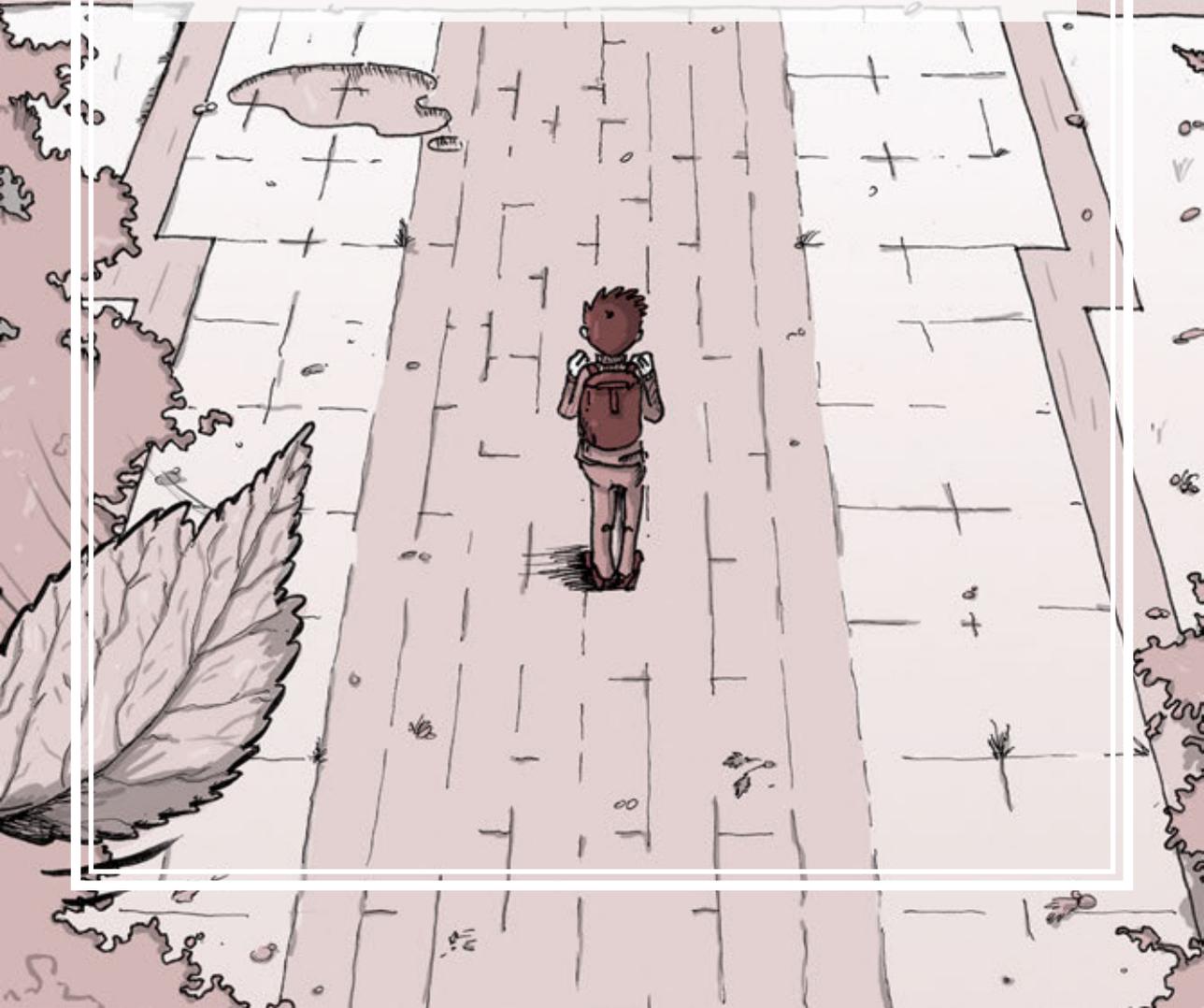
À Deus.

À família.

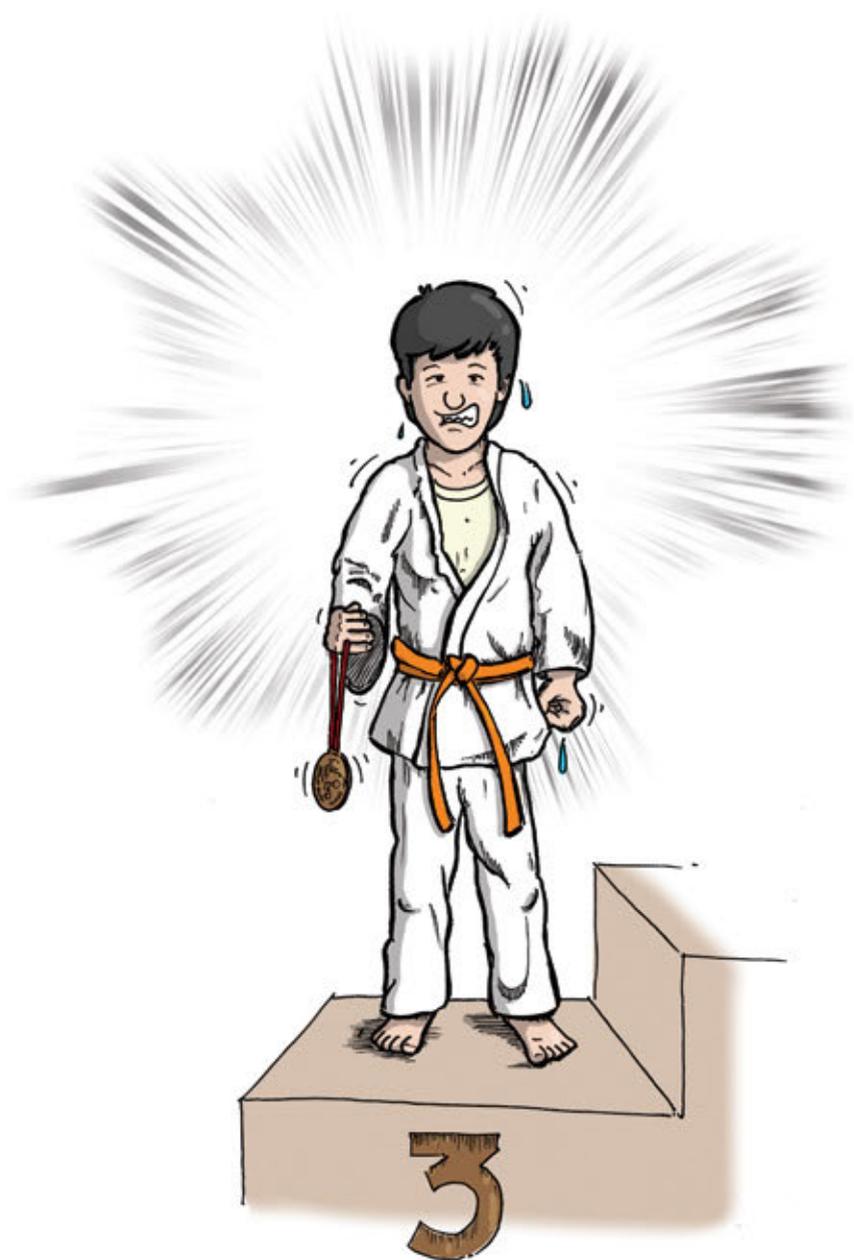
Aos mestres e amigos.

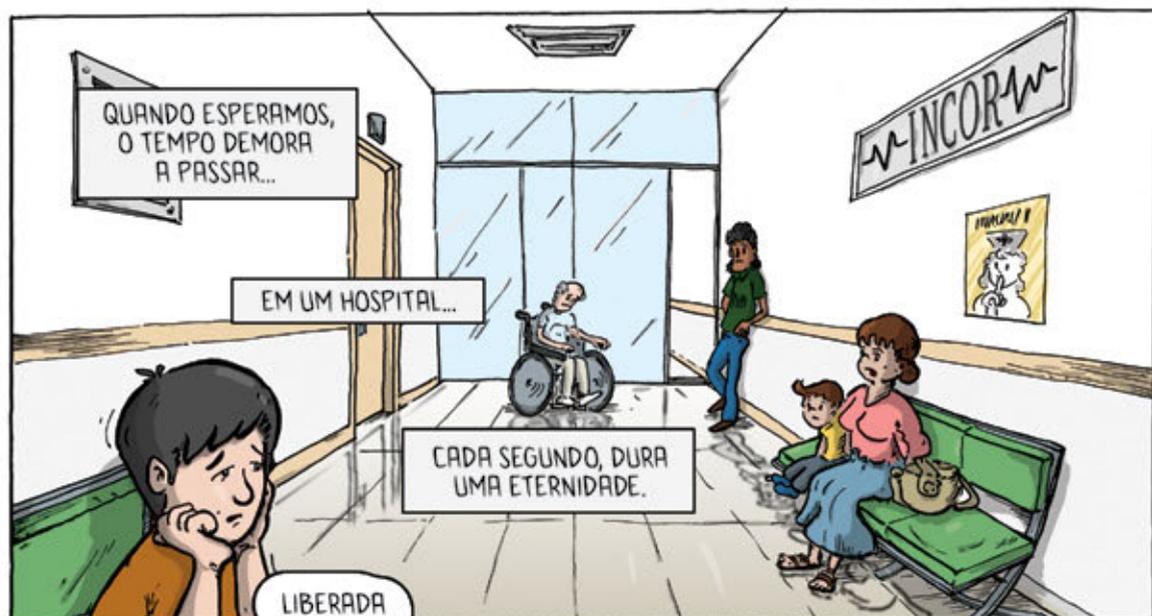


A natureza efêmera de nossa existência reduz uma vida de aventuras a um suspiro.
Saburo é uma coletânea de memórias que não se deseja perdida.



Capítulo 1: GAMBARE!









NEM SEMPRE AS
COISAS ACONTECEM...

COMO PLANEJAMOS.



O IMPORTANTE É
NÃO SE PREOCUPAR
MUITO COM ISSO...



DEMOROU! PENSEI QUE
NÃO IA TE VER MAIS
HOJE, HAHHAH!

SE NÃO FOSSE
O ESCORREGÃO,
EU TERIA VENCIDO!

VAI SONHANDO!
UMA VEZ TERCEIRO,
SEMPRE TERCEIRO!

SEU CHATO!

MOLENGA!

VOCÊ AINDA
VAI ENGOLIR ISSO!

TARTARUUUGA!
HAHAHA!

REPETE ISSO!

TERCEIRINHO!
TERCEIRINHO!

AH É? TOMA ISSO!

MOLENGA!



APRENDI CEDO A
NÃO ME PREOCUPAR...

NÃO PROVAR NADA
PARA NINGUÉM...



BRIGANDO? NÓS?
CLARO QUE NÃO.

O TERCEIRINHO
NÃO AGUENTARIA.

VEN AQUI!

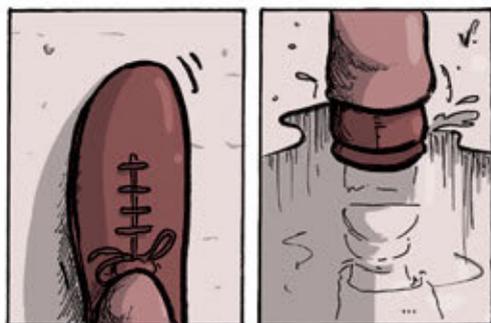
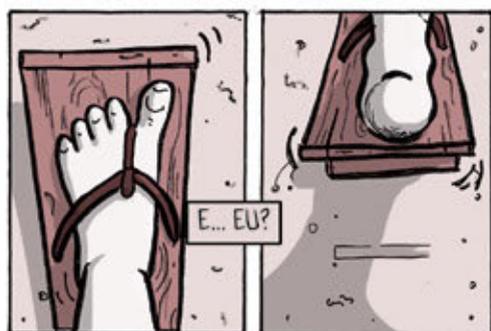


VAMOS CUIDAR DESSE
JOELHO ARRANHADO.



MAS NÃO É FÁCIL
NÃO TER QUE
PROVAR NADA...

PRINCIPALMENTE, QUANDO SE
É FILHO DO PRESIDENTE DA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA.



POR SER O TERCEIRO FILHO, EU ACABEI ME ESFORÇANDO MAIS...



TORNANDO-ME DESTAQUE EM DIVERSAS SITUAÇÕES...



SEMPRE BUSCANDO DAR O MELHOR DE MIM...

PRIMEIRO, TERCEIRO... ISSO NÃO IMPORTA, SE VOCÊ DER O MELHOR DE SI.

MEU PAI, ENTRETANTO, SE PREOCUPAVA...



COM MINHA CONDIÇÃO DE TERCEIRO FILHO...



SUGERINDO UMA ESCOLA QUE ME PREPARARIA PARA ME AVENTURAR NO MUNDO.

EU, CLARO, ACEITEI NA MESMA HORA.

EI, ONO,
POR QUE A PRESSA?

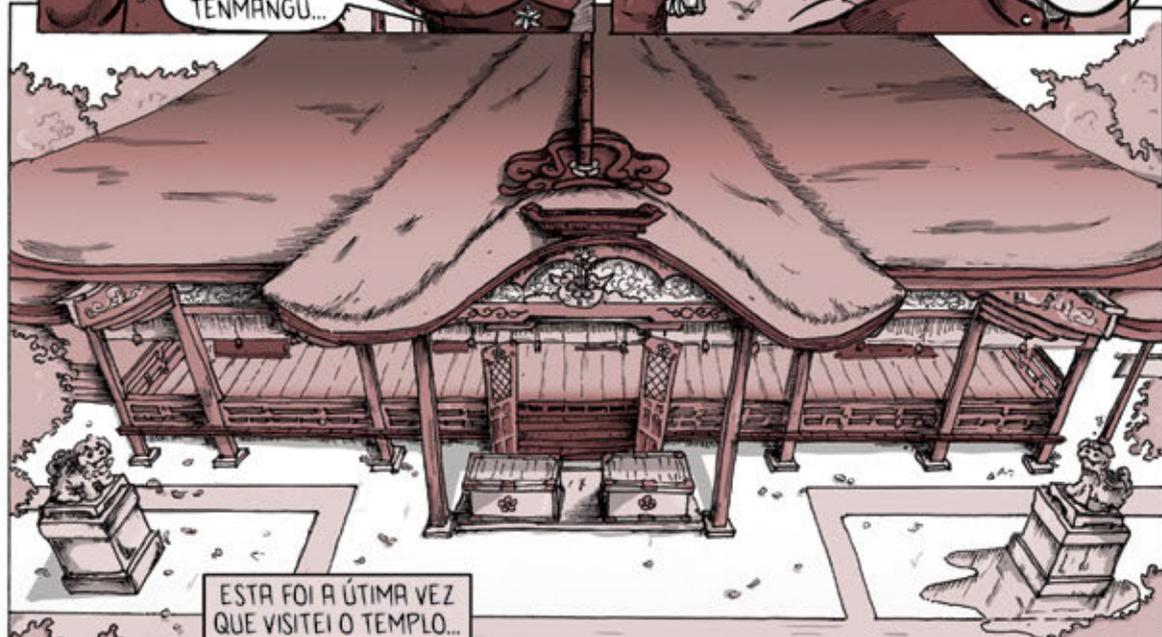
VAI PEDIR
SABEDORIA? HEHE..

PEDIR?
VOU AGRADECER!

SABICHÃO!

HA,HA,HA!

AMANHÃ CEDO
IREI A DAIZAFU
TENMANGŪ...



ESTA FOI A ÚTIMA VEZ
QUE VISITEI O TEMPLO...

DEPOIS DISSO,
FUI PARA TÔQUIO...

PARA UMA NOVA
ESCOLA, PARA O
INSTITUTO...

MAIS TARDE,
VIRIA AO BRASIL...

PEDI QUE A SABEDORIA ME
ACOMPANHASSE NESSA AVENTURA!





EU TINHA 17 ANOS QUANDO DEIXEI HAKATA...

A VIAGEM DUROU UMAS 20 HORAS...

A NOVA ESTAÇÃO, A LOCOMOTIVA RELUZENTE...



PARA MIM TUDO ERA NOVIDADE...



ERA PRIMEIRA VEZ QUE EU IRIA À CAPITAL.



EM TÓQUIO, A ESTAÇÃO ERA GRANDE E ESTAVA CHEIA DE GENTE...

COISAS DA CAPITAL, PENSEL...



CHEGANDO AO INSTITUTO, FIQUEI AINDA MAIS IMPRESSIONADO...

ALÉM DOS PRÉDIOS...

HAVIA UM VASTO CAMPO PARA APRENDERMOS TÉCNICAS AGRÍCOLAS.



NA SECRETARIA, ESPERANDO, SENTEI DO LADO DE UM CARA TODO CERTINHO...

TÉEEEEEDIO!

HARADA, IKURO. DE NAGOYA.

ONO, SABURO. DE FUKUOKA.

EU NEM IMAGINAVA QUE AQUELE CARA CERTINHO SE TORNARIA MEU MELHOR AMIGO...

Capítulo 2:
INSTITUTO AMAZÔNIA



NO FINAL DA DÉCADA DE 1920,
O GOVERNO JAPONÊS ESTIMULAVA
A EMIGRAÇÃO, POIS...

MESMO COM A VITÓRIA NOS CAMPOS DE BATALHA,
O CUSTO DA GUERRA RUSSO-JAPONÊSA
FOI EXTREMAMENTE ALTO.

O JAPÃO ERA UMA
POTÊNCIA MILITAR...

E PARA SE MANTER ASSIM,
O GOVERNO PRECISOU
AUMENTAR OS IMPOSTOS...

FAZENDO COM QUE ALGUMAS
PESSOAS ENFRENTASSEM
DIFICULDADES PARA
ALIMENTAR SUAS FAMÍLIAS.

ASSIM, A EMIGRAÇÃO PASSOU
A SE APRESENTAR COMO
UM BOM NEGÓCIO.

* CARTAZ INCENTIVANDO A EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL.

A LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS NAS AMÉRICAS
E A CONSEQUENTE NECESSIDADE DE MÃO DE OBRA...

ESTIMULARAM A EMIGRAÇÃO DE FAMÍLIAS
JAPONESAS PARA OS ESTADOS UNIDOS
E PARA OUTROS PAÍSES DAS AMÉRICAS.

A CULTURA DO CAFÉ, FOI
DETERMINANTE PARA
O DESLOCAMENTO
DE JAPONÊSOS AO
BRASIL...

CONTUDO, HAVIA RELATOS DE TRANSTORNOS,
DESDE A CHEGADA, EM 1908...

OS FAZENDEIROS, ACOSTUMADOS A LIDAR
SOMENTE COM ESCRAVOS, MALTRATAVAM
OS TRABALHADORES...

FUNDADOR DO INSTITUTO AMAZÔNIA, O
DEPUTADO JAPONÊS TSUKASA UYETSUKA
JÁ SABIA DESTES PROBLEMAS*...

PLANEJANDO, ASSIM, ENVIAR
SOMENTE EMIGRANTES PREPARADOS,
COM GRANDE CONHECIMENTO TÉCNICO E
CAPACIDADE DE LIDERANÇA...

ALÉM DE INVESTIR SUA FORTUNA PESSOAL
NO PROJETO E NA CRIAÇÃO DO INSTITUTO,
O SR. UYETSUKA CONSEGUIU, JUNTO AO GOVERNO
DO ESTADO DO AMAZONAS, A CONCESSÃO DE
UM MILHÃO DE HECTARES DE TERRA.

UM HECTARE EQUIVALE,
MAIS OU MENOS, A UM
CAMPO DE FUTEBOL...

UAU! SÃO UM MILHÃO DE
CAMPOS DE FUTEBOL!!!

* RELATADOS POR SEU PRIMO, O DR. SHUHEI UYETSUKA (12.06.1875-06.07.1935).

UM DOS RESPONSÁVEIS PELO ASSENTAMENTO DOS PRIMEIROS IMIGRANTES JAPONÊSOS NO BRASIL.



A PRIMEIRA VEZ QUE VI
UM BRASILEIRO FOI NO
INSTITUTO...

A VISITA DE UM DIPLOMATA,
CHAMADO HENRIQUE BAHIANA,
AGITOU OS CORREDORES...

NÃO SE FALAVA
EM OUTRA COISA.



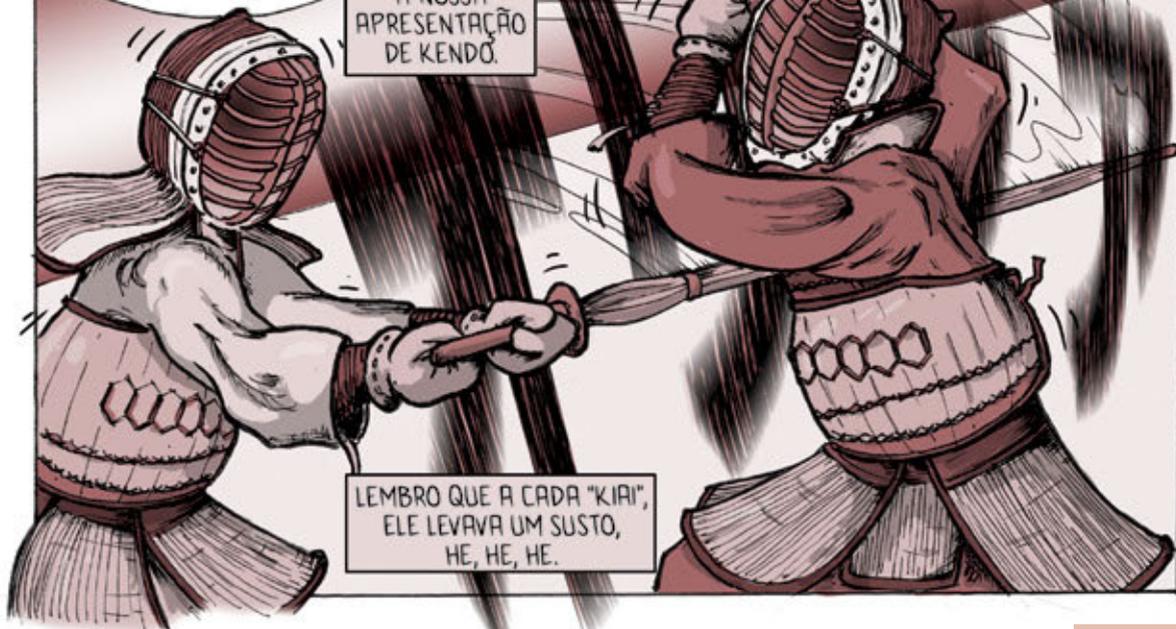
TRATAMOS
DE IMPRESSIONAR
O VISITANTE...

DESDE A RECEPÇÃO
NO PORTAL DO
INSTITUTO...



À NOSSA
APRESENTAÇÃO
DE KENDÔ.

LEMBRO QUE A CADA "KIAI",
ELE LEVAVA UM SUSTO,
HE, HE, HE.



APESAR DAS AULAS,
POUCO SABÍAMOS SOBRE O BRASIL...

...MENOS AINDA SOBRE
A "JANGURU".

EU HAVIA ASSISTIDO UM
FILME DO TARZAN...



E PENSAVA QUE ENFRENTÁRIAMOS
GORILAS E ELEFANTES.

*JANGURU OU ジャングル, EM JAPONÊS, SIGNIFICA SELVA.





POUCOS MESES DEPOIS,
PARTIMOS DO PORTO DE YOKOHAMA...



ACOMPANHADA DE MINHA IRMÃ,
MINHA MÃE, QUE ESCONDIA
OS OLHOS MAREADOS,
PRESENTEOU-ME COM UM ENVELOPE...



頑張れ!



MEU PAI, COM UM CONSELHO...



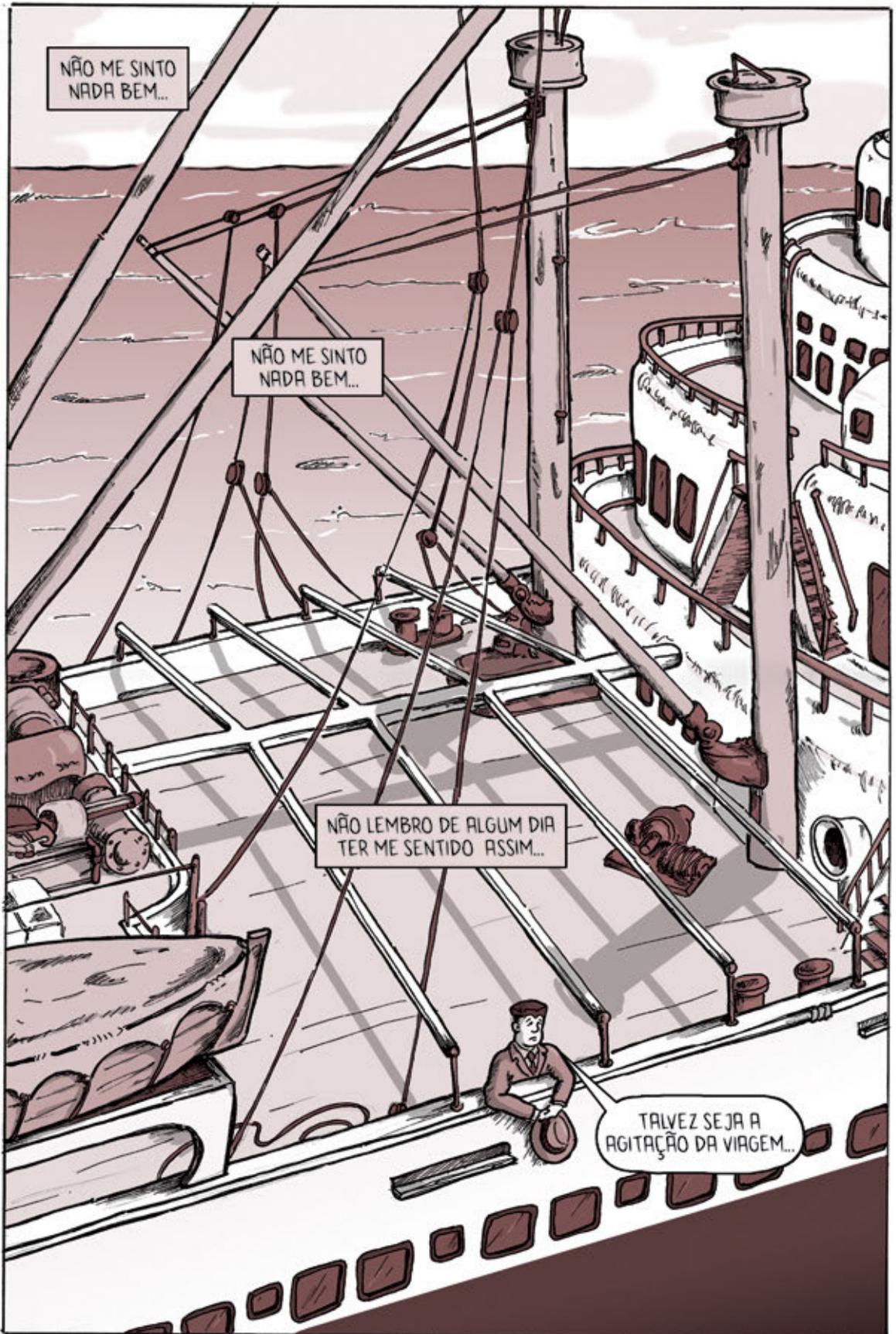
E UM APERTO DE MÃOS.

MESMO SABENDO QUE SERIA
UMA LONGA JORNADA...



ESTÁVAMOS TODOS
MOTIVADOS E ANSIOSOS.



A black and white illustration of a man in a suit and cap sitting on the deck of a ship. He is looking thoughtful, with his hand on his chin. The ship's rigging, masts, and railings are visible. The sea is in the background. Three speech bubbles contain text in Portuguese.

NÃO ME SINTO
NADA BEM...

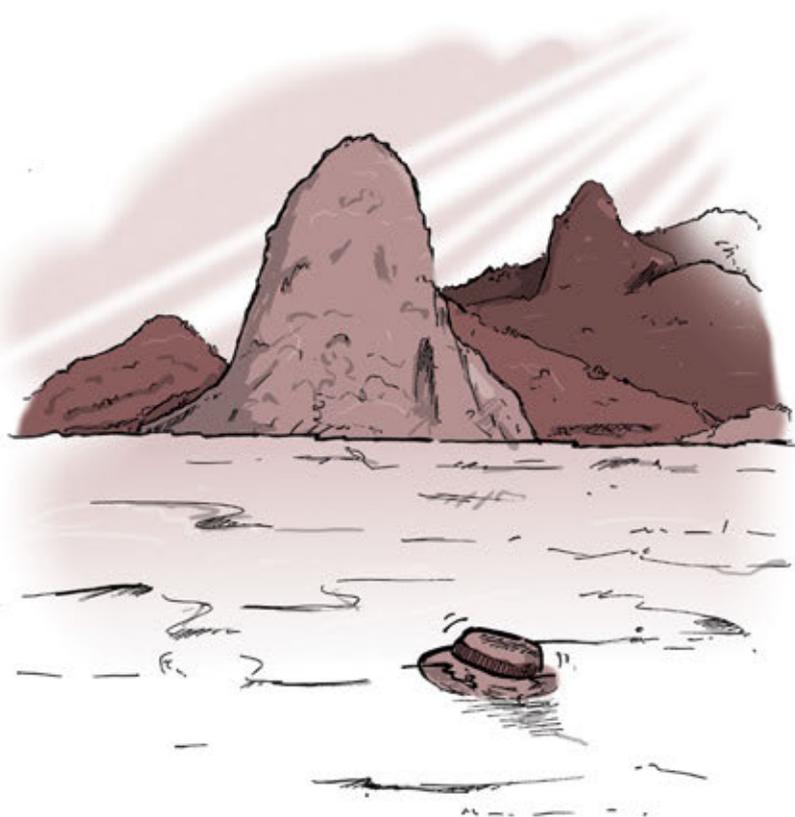
NÃO ME SINTO
NADA BEM...

NÃO LEMBRO DE ALGUM DIA
TER ME SENTIDO ASSIM...

TALVEZ SEJA A
AGITAÇÃO DA VIAGEM...



Capítulo 3: "BURAJIRU"



LOGO DEPOIS DA MORTE DE MEU AVÔ, SENDO MEU PAI O FILHO MAIS VELHO, MINHA AVÔ VEIO MORAR CONOSCO...

A COMIDA QUE ELA FAZIA ERA SABOROSA...

EU SEMPRE REPETIA O PRATO...

TALVEZ, POR CONTA DISSO, CONVERSÁVAMOS BASTANTE.

PUXA, VÔ...ISSO ESTÁ MUITO, MUITO BOM!

O VOVÔ TAMBÉM GOSTAVA DA SUA COMIDA? COMO SE CONHECERAM?

ISSO É UMA LONGA HISTÓRIA...

COMO VOCÊ SABE, SEU AVÔ VEIO JOVEM AO BRASIL.



QUANDO ELE CHEGOU AO BRASIL,
OS PRIMEIROS ALUNOS DO INSTITUTO
JÁ HAVIAM CONSTRUÍDO MUITOS PRÉDIOS...

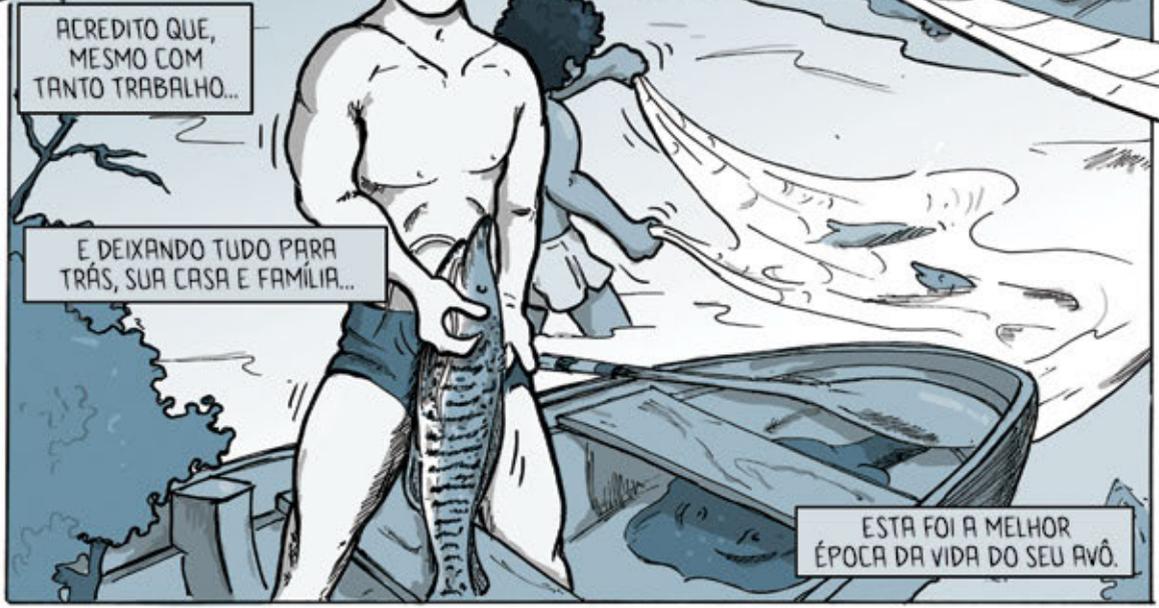
MAS AINDA HAVIA MUITO TRABALHO,
DESDE O REGISTRO DO CLIMA
E QUANTIDADE DAS CHUVAS...

ATÉ O PREPARO DAS ÁREAS
QUE SERIAM CULTIVADAS.

OS SOLTEIROS SEMPRE SE REUNIAM
DEPOIS DO DIA DE TRABALHO...



PARA BEBER E
JOGAR MAJONG...



ACREDITO QUE,
MESMO COM
TANTO TRABALHO...

E DEIXANDO TUDO PARA
TRÁS, SUA CASA E FAMÍLIA...

ESTA FOI A MELHOR
ÉPOCA DA VIDA DO SEU AVÔ.

FOI UMA ÉPOCA PRÓSPERA...



OS COLONOS TROUXERAM NOVAS TÉCNICAS PARA A AGRICULTURA...

CULTIVANDO GUARANÁ, FEIJÃO E ARROZ.

APESAR DE CONTRATAR A MÃO DE OBRA LOCAL E COLABORAR COM O PROGRESSO DA REGIÃO...



AINDA HAVIA MUITOS QUE NÃO GOSTAVAM DOS JAPONESES.





FIQUE PARADO,
SEU PESTE!



AGORA *HIC*, EU
FIQUEI ENFEZADO...



MALDITO!!!!



EU VOU TE MATAR!



SEM DIZER
UMA PALAVRA...

OU ESBOÇAR
QUALQUER EMOÇÃO...

EM UM SALTO...

TEU AVÔ UTILIZOU UMA VARA
PARA SE AFASTAR DO AGRESSOR,
QUE ESTAVA BÊBADO.



ISSO FEZ O HOMEM FICAR AINDA MAIS ENFEZADO...

VOCÊ DEU SORTE, JAPONÊS...

MAS AGORA EU VOU ABRIR *HIC* TEU OLHO!

O "JAPA" VAI DAR UMA SURRA NELE, ISSO SIM.

POIS ELE ESTAVA, VISIVELMENTE, MUITO EMBRIAGADO.

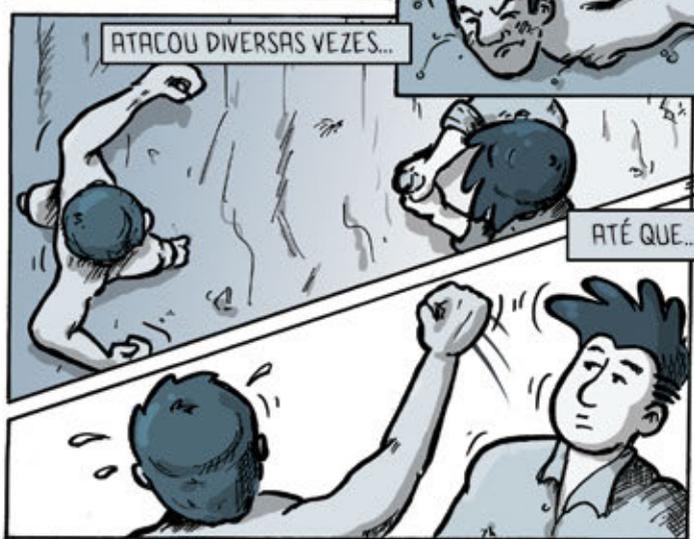
A CONFUSÃO DUROU LONGOS MINUTOS...



COM O CABOÇO INVESTINDO CONTRA TEU AVÔ...

E ELE, CALMAMENTE, DESVIANDO DOS GOLPES...

O HOMEM CAIU E ACABOU SE MACHUCANDO SOZINHO...



ATACOU DIVERSAS VEZES...

ATÉ QUE...



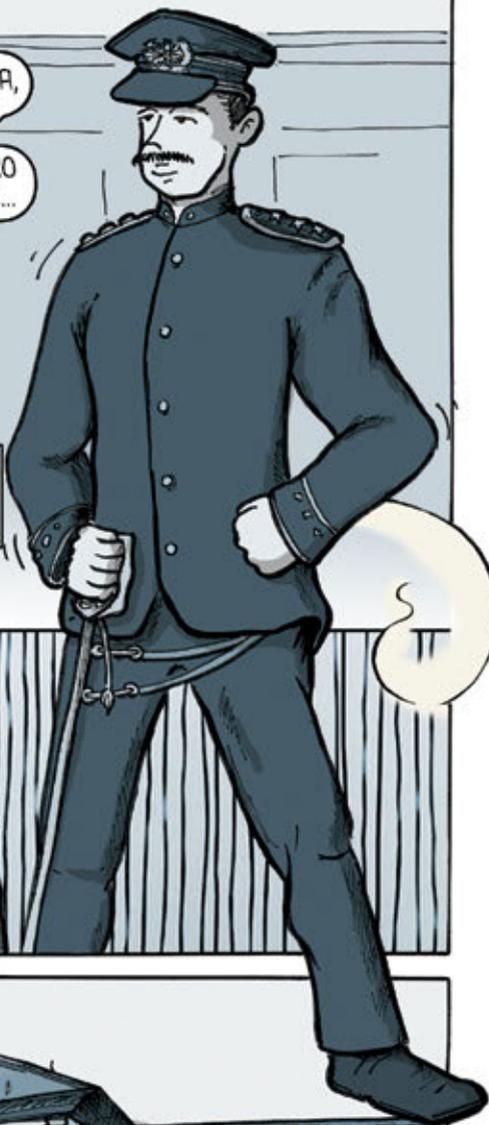
CANSOU E DESISTIU.





MEU PAI ERA MILITAR E, DEPOIS DA GUERRA, SE TORNOU COMISSARIO DE POLÍCIA...

SEMPRE ME LEMBRO DELE DE UNIFORME...



ÉRAMOS TRÊS FILHAS E, SENDO A MAIS VELHA, CABERIA A MIM TOMAR CONTA DO FUTURO DA FAMÍLIA...



DESTA FORMA, EU ESTAVA SENDO PREPARADA PARA FREQUENTAR A FACULDADE DE MEDICINA...



HAVIA POUQUÍSSIMAS MULHERES FAZENDO FACULDADE. ERA MEU SONHO, MAS...



O DESTINO NÃO QUIS...

NAQUELE ANO, NASCEU MEU IRMÃO MAKOTO, QUE SE TORNARIA O PRIMOGÊNITO DA FAMÍLIA TOKUSAWA.



VOCÊ NÃO PRECISA MAIS CURSAR MEDICINA.

HA!



ENVIADA PARA A ESCOLA DE NOIVAS. ACEITEI, EM SILÊNCIO.



NO VERÃO SEGUINTE, MEU PAI RECEBEU UMA CORRESPONDÊNCIA E LOGO DEPOIS...

A VISITA DO PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA...

VISITA QUE, COM CURIOSIDADE, ACOMPANHEI EM SEGREDO.









* SENHOR ONO! COMO ESTÁ?





増水の河みちて湖に連なれり*

NOS REUNÍAMOS E EU GOSTAVA MUITO DE OUVIR OS POEMAS DE TUA AVÓ KIYOKO.

COM A CHEGADA DOS PRIMEIROS FILHOS, MUITAS DE NÓS TAMBÉM VIRARAM PARTEIRAS DAS OUTRAS...

- A - BOA ESPERANÇA (1ª TURMA)
- B - BOA FONTE (2ª E 3ª TURMAS)
- C - SANTA LUZIA (4ª TURMA)
- D - DOCE (5ª E 6ª TURMAS)
- E - TAUQUERA (3ª E 7ª TURMAS)

PARINTINS

VILAY AMAZÓNIA

AS COLÔNIAS FORAM ESTABELECIDAS PRÓXIMAS UMAS DAS OUTRAS, ISSO FACILITAVA O CONVÍVIO E FORTALECIA A AMIZADE.



* COM A CHEIA DOS RIOS, OS LAGOS SE FORMAM.







AS MULHERES SE REUNIRAM PARA ESPERAR NA CASA DE DONA SASAKI...

FOI UMA LONGA NOITE, TODAS ESTÁVAMOS PREOCUPADAS E AMEDRONTADAS...

UM BARULHO NA NOITE NOS DEIXOU APAVORADAS, MAS, AO FINAL DE TUDO, ERA APENAS UMA MUCURA*, BUSCANDO COMIDA PARA SEU FILHOTE.

QUIQUI??



OS HOMENS SE EMBRENHARAM NA MATA...

CAPTURANDO O AGRESSOR, QUE PASSOU A NOITE PRESO...



EM UMA CASINHA CHEIA DE CABAS BRABAS. FOI ENTREGUE AO DELEGADO, NA MANHÃ SEGUINTE...



NÃO POSSO PRENDÊ-LO, DO JEITO QUE ESTÁ, MORRERÁ NA CADEIA...

DESTA FORMA, FOI SOLTO E FOI EMBORA DA COLÔNIA.

*GAMBÁ MASURPIAL, COMUM EM TODO BRASIL.



APENAS DURS MUDINHAS, PLANTADAS PELO SR. OYAMA, SE MOSTRARAM PROMISSORAS...



ELE MULTIPLICOU AS SEMENTES E DISTRIBUIU AOS DEMAIS COLONOS...



FOI O INÍCIO DE UMA ÉPOCA MUITO PRÓSPERA PARA OS KOUTAKUSEIS...

NESSA ÉPOCA, NASCEU TEU PAI...



MAS A HOSTILIDADE AOS ESTRANGEIROS AUMENTOU BASTANTE...



* PROMULGADA A LEI QUE PROIBIA FALAR PUBLICAMENTE ALEMÃO, ITALIANO E JAPONÊS NO BRASIL (1939)



RECEBIAMOS CADA VEZ MAIS NOTÍCIAS SOBRE A GUERRA E A PROPAGANDA CONTRA ESTRANGEIROS PASSOU A FICAR BEM AGRESSIVA...

IMIGRANTES DOS PAÍSES DO EIXO ERAM RETRATADOS PARA PARECEREM PESSOAS MÁS...

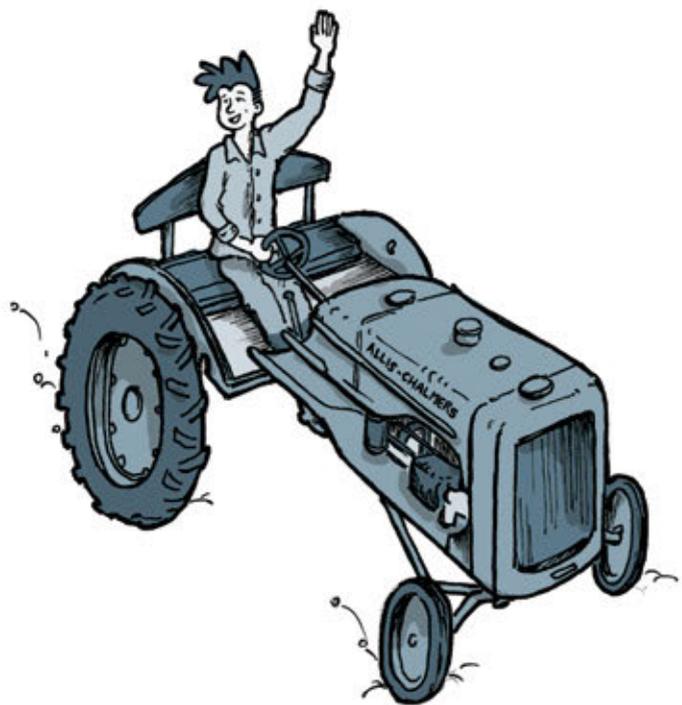
O SR. UYETSUKA ACHA QUE É MAIS SEGURO DISPENSAR A COLÔNIA

ASSIM, ALGUNS PARTIRAM PARA OUTROS ESTADOS, OUTROS RETORNARAM AO JAPÃO.



CONFORME O COSTUME DE CADA PESSOA, COM TRISTEZA, NOS DESPEDIMOS DE NOSSOS AMIGOS E AMIGAS, JAPONESES E BRASILEIROS...

PARA MUITOS, FOI O ÚLTIMO ENCONTRO.



Capítulo 4: BARREIRINHA



NOSSA NOVA CASA FOI CONSTRUÍDA NAS PROXIMIDADES DE BARREIRINHA, NO AMAZONAS.

APESAR DAS TURBULÊNCIAS DA GUERRA, A SORTE SORRIU PARA NÓS.

SEU PAI ADORAVA O "SHIRO", UM CACHORRO QUE SEU AVÔ CRIOU. LEMBRO QUE ELE ERA BEM GRANDE.



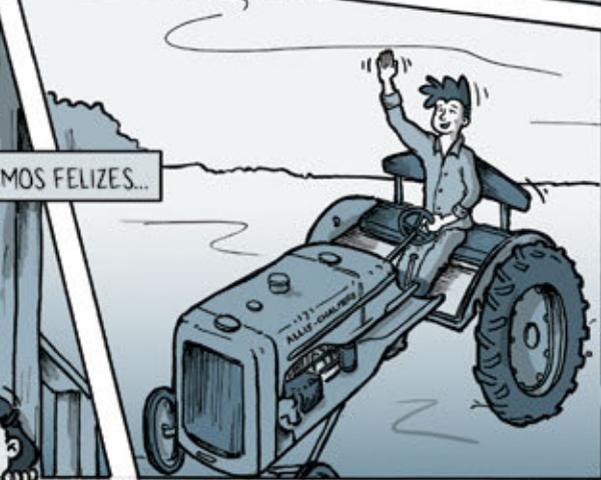
A SORTE SE REFLETIU NA PLANTACÃO. A JUTA RENDEU BASTANTE...



NESSA ÉPOCA PRÓSPERA, SEU AVÔ COMPROU UM TRATOR, OUTROS FILHOS NASCERAM...



ÉRAMOS FELIZES...







CERTA VEZ, EM BARREIRINHA, EU LAVAVA ROUPAS NA MARGEM DO RIO ENQUANTO TEU TIO BRINCAVA...

SEM QUE EU PERCEBESSE, UM TRABALHADOR LIMPAVA PEIXES NAS PROXIMIDADES...

ISSO ATRAIU PIRANHAS, E UMA DELAS ARRANCOU UM PEDAÇO DO MINDINHO DO TEU TIO...

RÁPIDO, PAPAII!



TEU PAI, MESMO MUITO CRIANÇA, PASSOU VÁRIOS DIAS TENTANDO PESCAR A PIRANHA...



QUERIA RESGATAR O DEDINHO DE DENTRO DA BARRIGA DO PEIXE.



HEHE, DE NOVO ESSA HISTÓRIA DO DEDO?

PORQUE A SENHORA NÃO CONTA OUTRA? A MELHOR...

QUANDO TEU PAI FOI PRESO?

COF, COF, VOVÔ PRESO?

COMO FOI ISSO, PAI?



BEM... DURANTE A SEGUNDA GUERRA, ALGUNS IMIGRANTES FORAM PRESOS...

TEU AVÔ ESTAVA ENTRE ELES, NUNCA SOUBEMOS O PORQUÊ...

NÃO FAÇA ISSO! ELES SÃO "PESSOAS DE BEM"!

QUEREM IR PRA PRISÃO TAMBÉM?

SEMPRE NOS AJUDARAM...



ELE FOI LEVADO PARA MANAUS, ONDE FICOU DETIDO NO QUARTEL...

TRAIADORES AMARELOS! VOLTEM PRO JAPÃO!

ENQUANTO ISSO, NO CAMPO E NAS CIDADES, A HOSTILIDADE AOS IMIGRANTES JAPONESES, ALEMÃES E ITALIANOS AUMENTOU BASTANTE.

NA PRISÃO, TEU AVÔ CONTRAIU MALÁRIA E EMAGRECEU MUITO. FICOU QUASE IRRECONHECÍVEL.

E ESSE "JAPA" DOENTE? NÃO PODEMOS DEIXAR ELE MORRER AQUI, CONOSCO...

MELHOR SOLTÁ-LO!

A JUTA ERA A PRINCIPAL RENDA DOS ESTADOS DO PARÁ E AMAZÔNIA, E...

COMO OS JAPONESES ERAM OS PRINCIPAIS PRODUTORES, AS AUTORIDADES ATUAVAM DE FORMA MENOS RIGOROSA QUANDO SE TRATAVAM DE SANÇÕES E RESTRIÇÕES...

HAVIA MUITOS JAPONESES ECONOMICAMENTE INFLUENTES.

ASSIM, TEU AVÔ, DOENTE, FOI COLOCADO EM LIBERDADE...

ENTRETANTO, LONGE DE CASA E SEM RECURSOS PARA RETORNAR.



ELE PROCUROU UM AMIGO,
QUE MORAVA NA CIDADE.

PELA PRIMEIRA VEZ,
EM MUITOS DIAS...

ONO, SEJA
BEM-VINDO!

ELE FEZ UMA REFEIÇÃO
DECENTE...

ENQUANTO COMIAM...

POXA! SE ESSA É A MELHOR,
NÃO QUERO NEM SABER DA PIOR!

É POR ACASO EU TERMINEI?
TENHA PACIÊNCIA E ESCUTE!

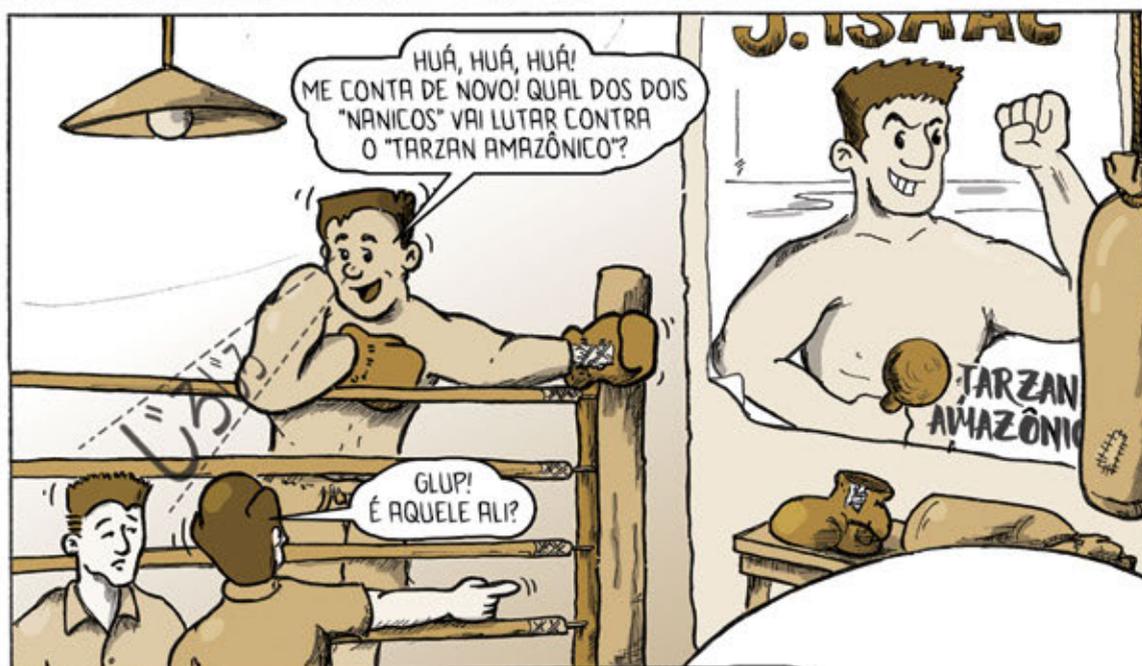
PRECISO VOLTAR PARA CASA,
NÃO HÁ TRABALHO NA
CIDADE PARA NÓS.

VEJO QUE VOCÊ EMAGRACEU MUITO...

MAS... ME DIGA, AINDA
CONSEGUES LUTAR?

CREIO QUE SIM...

ÓTIMO!



NESTE PERÍODO, A AJUDA DE AMIGOS
E DE OUTROS KOUTAKUSEIS FOI FUNDAMENTAL...

TANTO PARA AJUDAR MAMÃE NAS PLANTACÕES,
QUANTO PARA ADQUIRIR ITENS BÁSICOS,
DÍFICEIS DE CONSEGUIR, DEVIDO À GUERRA.

PUXA!

OBRIGADA!



O "SHIRO" IA AO CAMPO, PARA ESPERAR
TEU AVÔ, TODOS OS DIAS...



LEMBRO QUE UMA TARDE,
ELE PASSOU MUITO TEMPO NO MEU COLO...



NO DIA SEGUINTE,
ACORDEI TARDE...



E TUA AVÔ ME DEU UMA "CRUZINHA",
PARA QUE EU COLOCASSE NUM
MONTINHO DE TERRA.





* OSS (OU OSU) É UMA SAUDAÇÃO CARATECA QUE PRECEDE TREINO OU LUTA.

** KIAI - GRITO DE FORÇA CARATECA.

A LUTA DUROU 38 SEGUNDOS...

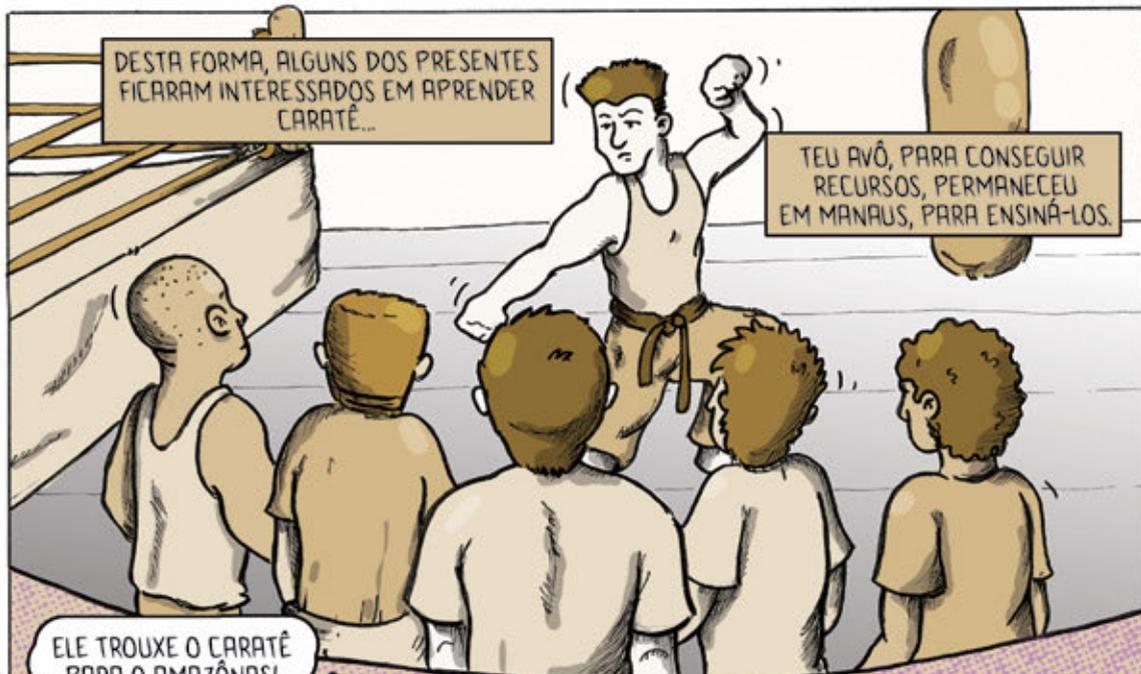


ESTÁ VIVO?



ELE ACORDOU!

NÃO, MAMÃE, EU NÃO TENHO AULA HOJE...



DESTA FORMA, ALGUNS DOS PRESENTES FICARAM INTERESSADOS EM APRENDER CARATÊ...

TEU AVÔ, PARA CONSEGUIR RECURSOS, PERMANECEU EM MANAUS, PARA ENSINÁ-LOS.

ELE TROUXE O CARATÊ PARA O AMAZÔNAS!

ACHO QUE ELE PODERIA TER CONSEGUIDO DINHEIRO DE OUTRA FORMA, BATER EM ALGUÉM NÃO FOI MUITO CRISTÃO...

LEGAL, DEU UMA SURRA NO VALENTÃO!

COMO ASSIM, VÓ?

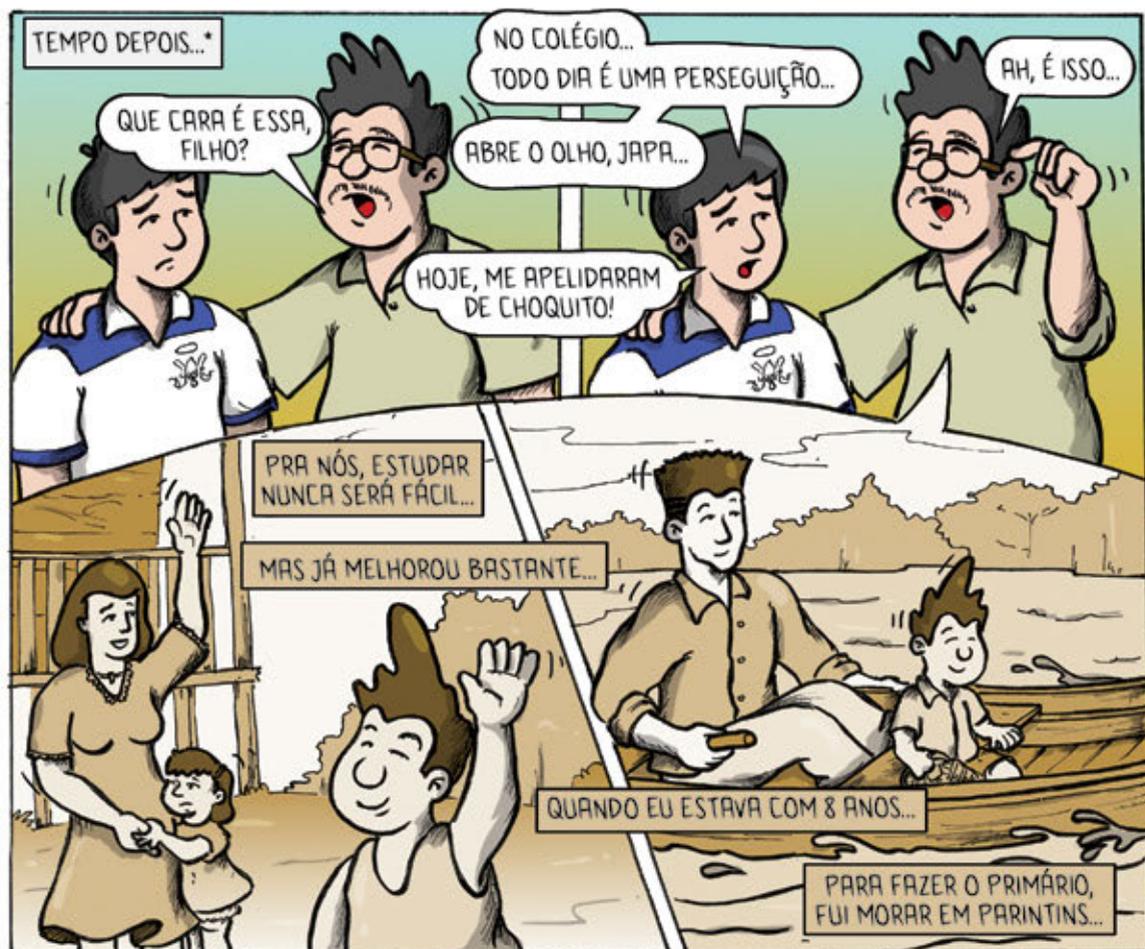
A SENHORA NÃO É BUDISTA?

ALIÁS, PORQUE A CRUZINHA PRO CACHORRO?



* SEUS NOMES DE REGISTRO SÃO URANA E SHIGEYOSHI.





* COM A MUDANÇA DE MINHA AVÓ PARA CASA DE MINHA TIA, AS NARRATIVAS PASSARAM A SER FEITAS PELO MEU PAI.

Capítulo 5: PARINTINS

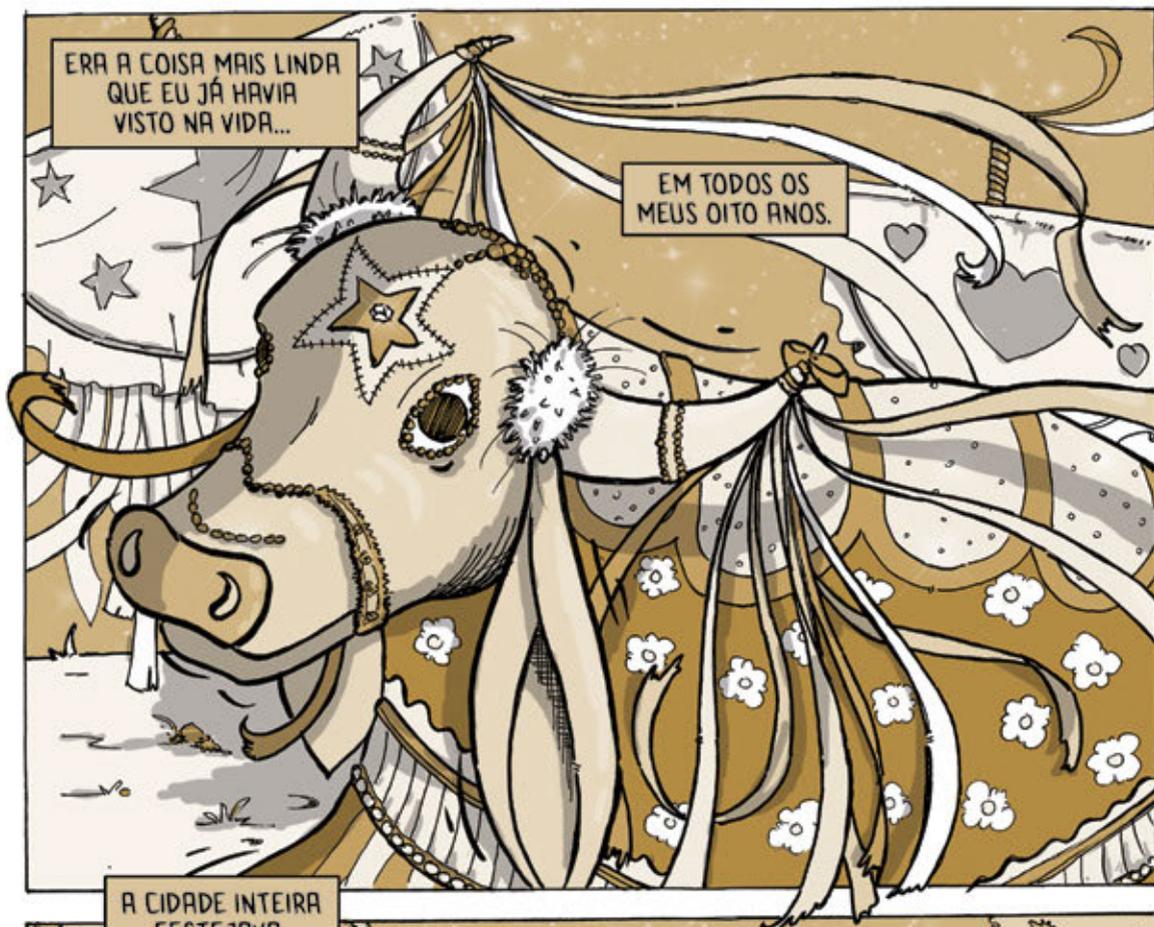














NÓS ACOMPANHAMOS
A MULTIDÃO QUE
CANTAVA...

O HENRIQUE DANÇAVA
DE FORMA MUITO
ENGRAÇADA...



QUANDO TUDO ACABOU,
VIMOS QUE HAVIA
ESCURECIDO E ESTÁVAMOS
LONGE DE CASA.

VAMOS DORMIR
POR AQUI...

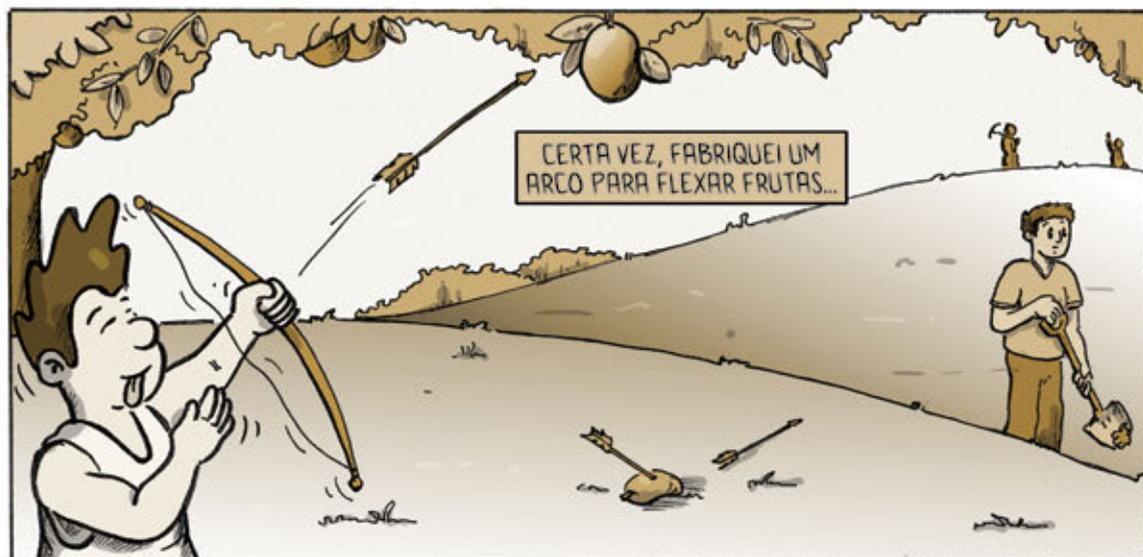
DE MANHÃ,
VOLTAMOS
PRA CASA.

TUDO BEM,
ACHO...



NAQUELA NOITE,
DORMIMOS AO RELENTO,
SOB A LUZ DAS ESTRELAS.

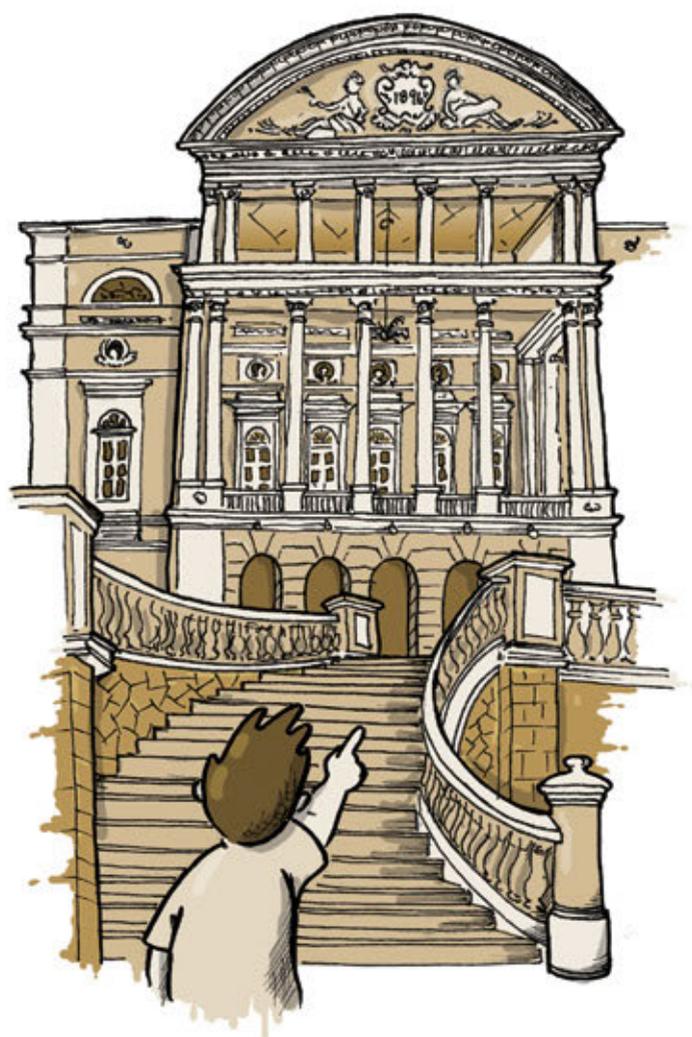




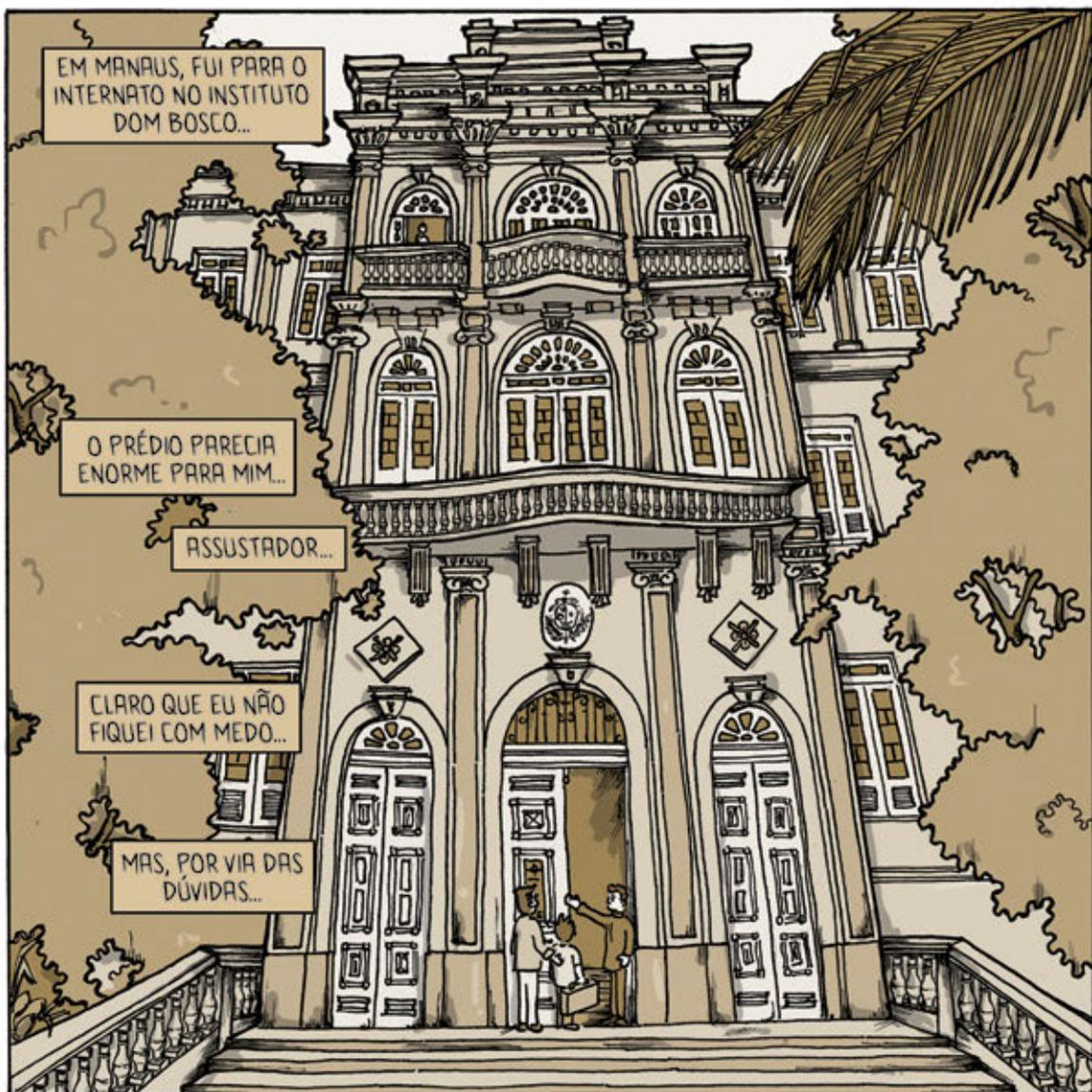
E ENQUANTO A DISCIPLINA
ERA IMPOSTA PELA TUA AVÓ...







Capítulo 6: RUMO ÀS
GRANDES CIDADES



EM MANAUS, FUI PARA O
INTERNATO NO INSTITUTO
DOM BOSCO...

O PRÉDIO PARECIA
ENORME PARA MIM...

ASSUSTADOR...

CLARO QUE EU NÃO
FIQUEI COM MEDO...

MAS, POR VIA DAS
DÚVIDAS...



TRATEI DE ESCOLHER
UMA CAMA PERTO DO
CRUCIFIXO DA PAREDE.

TENHO ÓTIMAS
LEMBRANÇAS DA
ÉPOCA.







* O GINÁSIO CORRESPONDE AOS 4 ÚLTIMOS ANOS DO ENSINO PRIMÁRIO ATUAL.
** ESCRITÓRIO DE FINANCIAMENTO PARA EMPREENDEDORES NIKKES.







NO INTERIOR, VISITAS SEMPRE TRAZEM NOTÍCIAS,
ÀS VEZES BOAS, ÀS VEZES MÁS...



DESTA VEZ,
ERAM MÁS...



ENCONTRARAM TEU AVÔ
MORTO, NO QUARTO DO HOTEL...

SUICÍDIO... DISSERAM...

MAS NÃO HAVIA SENTIDO...



FOI
ASSASSINADO!

TEU TIO FICOU POSSESO...



NINGUÉM SE CONFORMOU.



SE PASSARAM DOIS ANOS ATÉ QUE EU
ME RECUPERASSE DA APENDICITE
E DA MORTE DE TEU AVÔ.



SEMPRE PENSEI QUE, SE NÃO FOSSE JAPONÊS, ELE TALVEZ ESTIVESSE VIVO ATÉ HOJE...

E APESAR DE TER ORGULHO DE SER NIKKEI...



* NOTEI QUE O OCORRIDO ABALARA MUITO MINHA MÃE, ASSIM, PASSEI MAIS DE 30 ANOS SEM FALAR SOBRE ISSO.



MAS, SE A SENHORA NÃO QUERIA SE CASAR COM NIKKEI...

COMO CASOU COM PAPAI?

BEM, EM 1960, ME MUDEI PARA SANTARÉM...

ONDE EU ESTUDAVA E LECIONAVA, PARA CRIANÇAS E ADULTOS...

PARA NÓS, NIKKEIS...



A EDUCAÇÃO ERA MAIS DO QUE UMA HERANÇA...

ERA UMA ESTRATÉGIA DE VIDA...

- 1. Maria de
- 2. Sarah Co
- 3. Urana. Har

EU PASSEI EM TERCEIRO LUGAR NO VESTIBULAR PARA UNIVERSIDADE...



ASSIM, ME MUDEI PARA BELÉM, PARA UM PENSIONATO, QUE FUNCIONAVA NA APANB*

TEU PAI JÁ MORAVA EM BELÉM, E FREQUENTAVA A APANB...

ELE IA SEMPRE DE CARRO, ERA UM JOVEM BONITÃO.

* ASSOCIAÇÃO PAN-AMAZÔNIA NIPO-BRASILEIRA



BONITÃO?
COM ESSA
BARRIGUINHA?
HA, HA, HA!

PODE RIR!
EU ESTAVA EM PLENA FORMA,
REMAVA TODOS OS DIAS!

QUANDO ME MUDEI PARA
BELÉM, MEUS RECURSOS
FICARAM ESCASSOS...

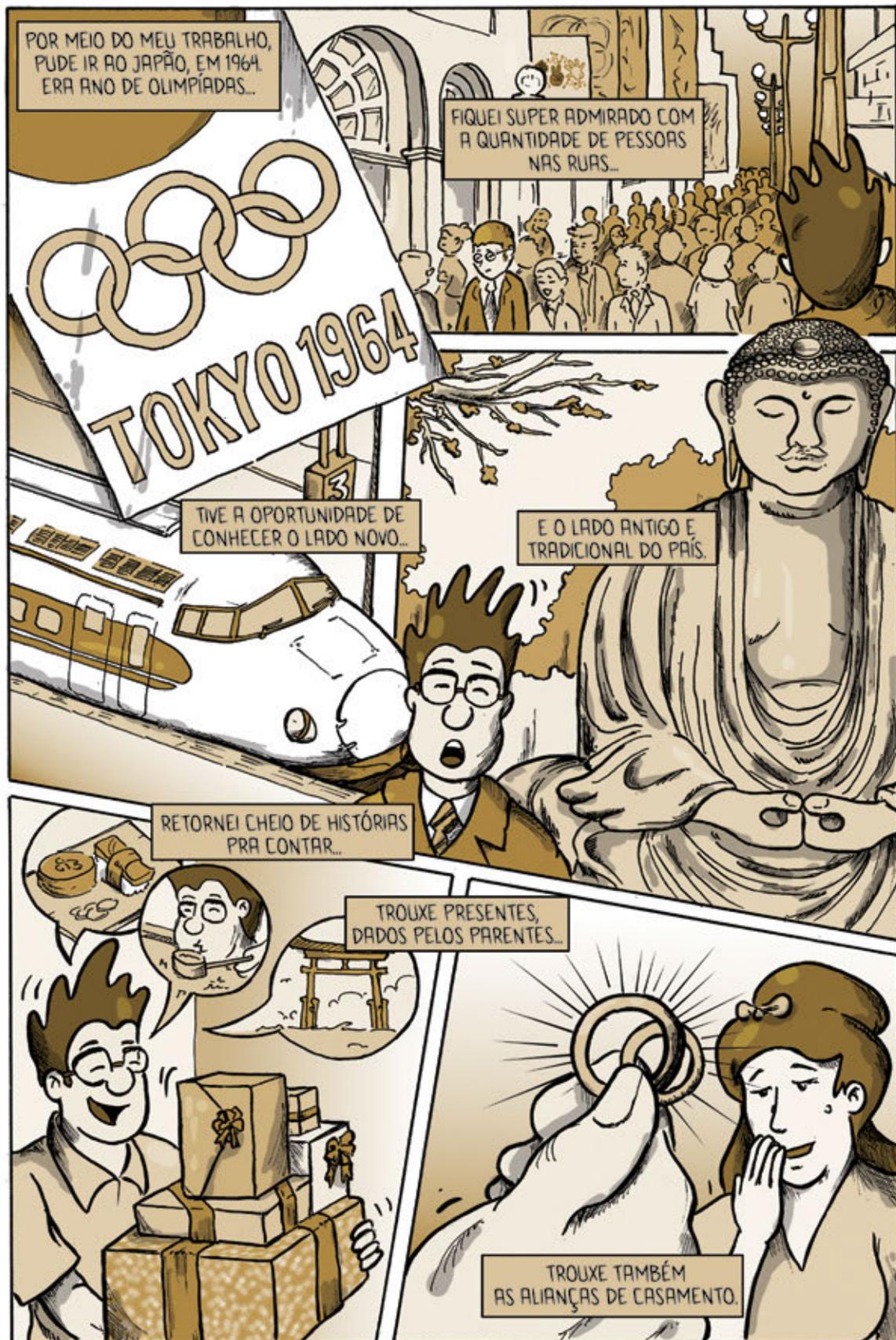
ENCONTREI UM AMIGO DO COLÉGIO,
QUE ME DISSE SER POSSÍVEL
MORAR NA SEDE DO CLUBE DO REMO...

ELE ME APRESENTOU COMO
ATLETA E DISSE QUE EU ERA UM
EXCELENTE REMADOR...

SÓ NÃO DISSE QUE ERA
DE CANOA, HA, HA!

CLUB DO REMO





POR MEIO DO MEU TRABALHO, PUDE IR AO JAPÃO, EM 1964. ERA ANO DE OLIMPIADAS...

FIQUEI SUPER ADMIRADO COM A QUANTIDADE DE PESSOAS NAS RUAS...

TOKYO 1964

TIVE A OPORTUNIDADE DE CONHECER O LADO NOVO...

E O LADO ANTIGO E TRADICIONAL DO PAÍS.

RETORNEI CHEIO DE HISTÓRIAS PRA CONTAR...

TROUXE PRESENTES, DADOS PELOS PARENTES...

TROUXE TAMBÉM AS ALIANÇAS DE CASAMENTO.

ELE VEIO DECIDIDO A CASAR...

E EU FIZ O QUE ACHEI SER
O CORRETO A FAZER...

ALÉM DE TUDO, ELE ERA FILHO
DO MELHOR AMIGO DE MEU PAI...



RECEBEMOS MUITOS PRESENTES...

MAS O MELHOR DE TODOS, QUE
RECEBI NESTE CASAMENTO...

SÓ VEIO ALGUM TEMPO DEPOIS...

VOCÊ!



LEGAL, MÃE!

ERRRR...
ESPERO QUE EU POSSA
ESCOLHER COM QUEM
VOU CASAR...



Capítulo 7: MEMÓRIAS





*DE JOÃO CARLOS, IRMÃO CAÇULA DE MINHA MÃE, FILHO DO SEGUNDO CASAMENTO DE MINHA AVÓ.
 ** MUNICÍPIO PRÓXIMO DA CIDADE DE BELÉM.

O VOVÔ PARECIA SER ENORME...

VOCÊ GOSTARIA DE TÊ-LO
CONHECIDO...

COM SEMBLANTE
SÉRIO...

UMA CICATRIZ
NO OMBRO...

E ROUPAS
SIMPLES...

MUITAS PESSOAS
SE ENGANAVAM...

SEM SABER QUE ELE
ERA MUITO SIMPÁTICO E
BEM HUMORADO.

NA VERDADE, NESTA FOTO,
DE SUA VIAGEM AO JAPÃO...

É UMA DAS POUCAS EM
QUE ELE ESTÁ SÉRIO...



HOUVE UMA ÉPOCA NA QUAL
ELE GANHOU MUITO DINHEIRO...



PLANTANDO PIMENTA-DO-REINO.



EU GOSTAVA MUITO DAS AVENTURAS
INVENTADAS NO SÍTIO!



ELE ME DISSE, CERTA VEZ, QUE FICARA
DESCONFORTÁVEL, NÃO SE ENCAIXAVA MAIS NAQUELE MUNDO...





CULTURA QUE VEZ OU OUTRA...



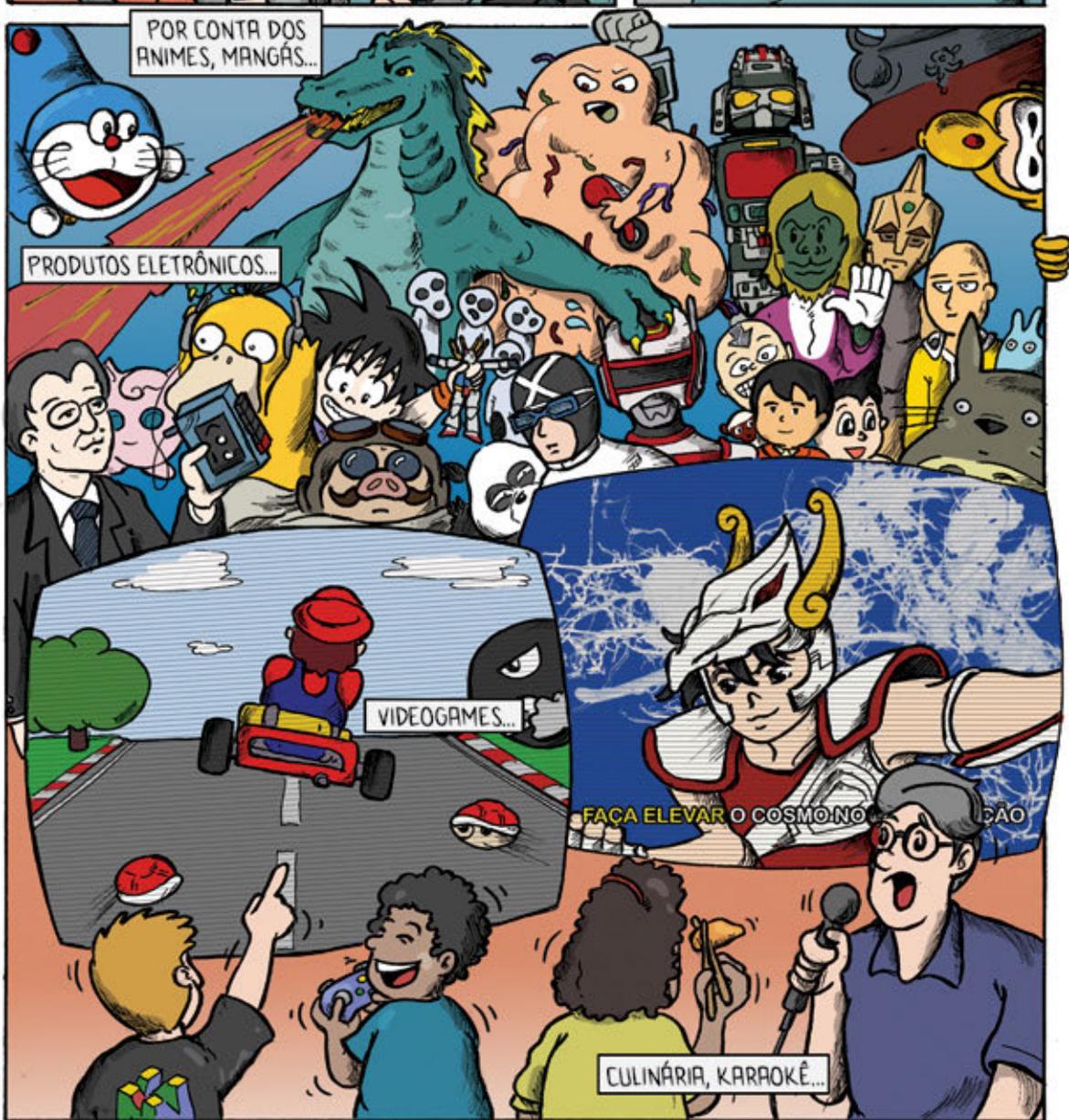
PRECISÁVAMOS ADAPTAR...



APANH, TANABATA MATSURI*, 2004



* FESTIVAL DAS ESTRELAS. OCASIÃO ONDE PEDIDOS SÃO FEITOS À ORIHIME (織姫), A "PRINCESA TECELÃ".





2014...

QUE LEGAL! MAMÃE ENVIOU ALGUMAS FOTOS DA VIAGEM.

NOSSA, QUE ELEGÂNCIA!

QUE MEDALHA É ESSA?

ORDEM DO SOL NASCENTE

FOI A PRIMEIRA CONDECORAÇÃO DOS TEMPOS MODERNOS, ESTABELECIDADA PELO GOVERNO JAPONÊS, NA ERA "MEIJI", EM 1875.

ATUALMENTE, É CONCEDIDA ÀQUELES QUE REALIZARAM IMPORTANTES FEITOS PARA PROMOVER A CULTURA JAPONESA, PRESERVAR O MEIO AMBIENTE OU AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.

É A TERCEIRA MAIS IMPORTANTE DO JAPÃO, SENDO A ORDEM DO CRISÂTEMO (RESERVADA A CHEFES DE ESTADO E MEMBROS DA REALEZA) A MAIS ALTA, E A DAS FLORES DE PAULOWNIA (RESERVADA A POLÍTICOS) A SEGUNDA.

EM 2014, MEU PAI FOI CONDECORADO.

OLHE, BIA, QUE LEGAL!

VOVÔ "TÁ", TODO "CHIQUE".

AGORA A RESPONSABILIDADE EM SER BOM AUMENTOU...

HA,HA, DEIXA DE TOLICE.



MENINOS, O VOVÔ MANDOU INGRESSOS PARA O UNDOKAI.

EEEEBA!

UNDO-O QUE?

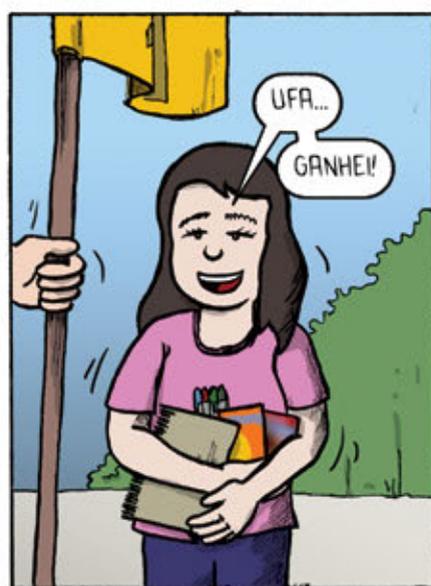
UNDOKAI.

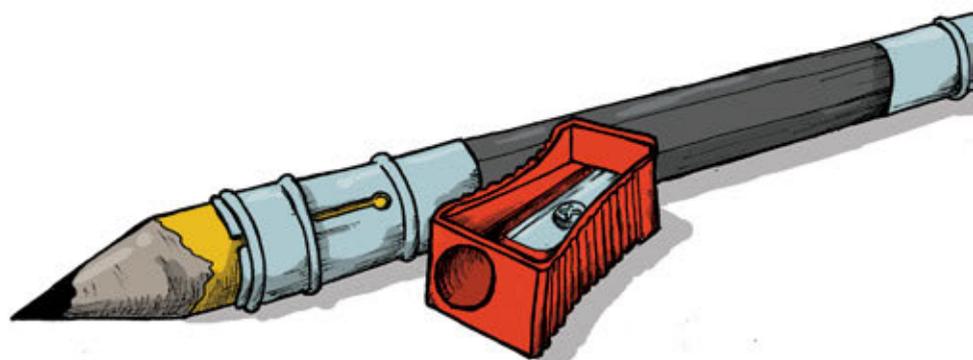
UMA CONFRATERNIZAÇÃO NIKKEI...

ワーワー

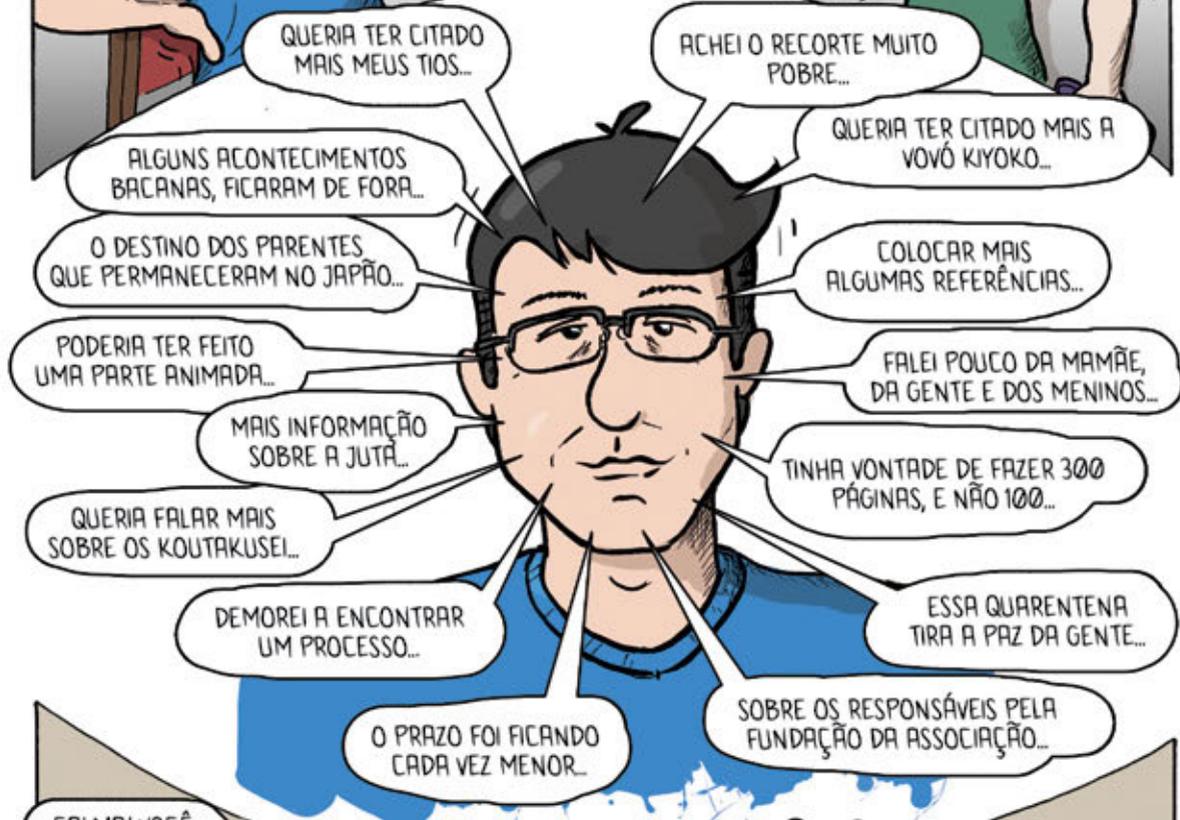
COM JOGOS, COMPETIÇÕES ESPORTIVAS E...

BRINCADEIRAS PARA TODAS AS IDADES.





EPÍLOGO



ALÉM DO DESENHO

Página 07

Gambare (頑張れ) é uma expressão japonesa que significa “Faça o seu melhor!” ou “Dê tudo de si”. A cultura do esforço pessoal está permeada profundamente na sociedade japonesa.

Página 08

O Jornal que aparece na Bancada, o “São Paulo – Shimbun”, era uma das principais leituras de meu avô. Na época, não havia internet e a velocidade na qual as novidades e notícias eram difundidas era menor. Para ele, o fato de a publicação ser feita em língua e caracteres japoneses era mais importante. Infelizmente, o periódico, fundado em 1946, teve sua última edição impressa lançada no dia 22 de dezembro de 2018.

O hospital, cujo nome aparece na parede (INCOR – Instituto do Coração), funcionou de 1981 a 2005. Pertenceu, entre outros sócios, ao meu tio (irmão de minha mãe), Dr. Geraldo Saburo Harada. Por coincidência, ele recebeu seu segundo nome em homenagem à grande amizade que havia entre meus avós.

O gotejador eletrônico que aparece no quadro marca a cadência de 84 gotas por minuto. Em termos médicos, este número é relativamente alto, entretanto, ele faz alusão ao ano do falecimento de Saburo (1984).

Página 09

Campos de plantação de arroz fazem parte do portfólio das paisagens comuns ao Japão. Pela ação representada, o quadrinho está ambientado em 1922, entre os meses de maio e abril, período no qual é feita a semeadura do arroz, na parte sul do Japão (Ilha de Kyushu, onde está localizada a província de Fukuoka).

Neste campo, a disposição dos plantadores de arroz oculta, graficamente, os dois primeiros compassos do “Kimigayo”, o hino nacional do Japão. Embora considerado o hino vigente com a letra mais antiga do mundo, datada de 1868, curiosamente só foi legalmente oficializado em 1999.

Os uniformes desenhados nos meninos eram os utilizados pelos estudantes do ginásio e primário (por ordem de aparição). Keiki possui os cabelos raspados, na época, uma obrigatoriedade para todos os estudantes ginásiais do sexo masculino.

Página 10

O quadro foi baseado em edificações existentes em Hakata (atualmente um distrito da província de Fukuoka), cenário do início desta história. Na década de 1920, já havia postes para distribuição de energia elétrica em Hakata. Desde o século XIX, as linhas de energia elétrica estavam bem disseminadas, havendo registros de que, em 1898, por conta das linhas elétricas, os “Yamakasa”, carros alegóricos de um importante festival local, o Hakata Gion Yamakasa (博多祇園山山), precisaram ser divididos em dois grupos (atualmente chamados de Kakiyama e Kazariyama), para que pudessem continuar sendo transportados pela cidade.

Considerarei como importante a representação da energia elétrica para destacar o grande contraste que havia entre o ambiente em que os personagens originalmente viviam e o de seu destino (selva amazônica).

Nas paredes dos prédios, escritas nas placas em katakana e kanji (dois dos alfabetos comuns no Japão) estão as frases: “パオケモン 市場” (Mercadinho Paokemon), uma brincadeira com as palavras; e “博多ラーメン” (Hakata ramen), uma especialidade culinária da região.

Página 11



Shigeki Ono
Acervo do autor

Shigeki Ono, meu bisavô, foi o 33º presidente da Assembleia Legislativa da Província de Fukuoka, Shigeki era médico pediatra e proprietário de um grande hospital, destruído em um bombardeio ocorrido durante a II Guerra Mundial.

No último quadro, no lugar dos parlamentares da Assembleia, inseri ícones populares comumente utilizados sob a forma de amuletos: o Maneki Neko, um gato que simboliza boa sorte e é geralmente adotado por estabelecimentos comerciais que desejam garantir o retorno do freguês; o Daruma, um amuleto em forma de cabeça, com lacunas no lugar dos olhos, e para o qual são feitos pedidos, em troca da promessa de inclusão de seus olhos ausentes; o Zou Tanuki, quase não aparente no quadro, disposto em estabelecimentos que servem

bebidas alcoólicas; e o Daikokuten, o deus da prosperidade e um dos sete deuses da sorte. O quadro é uma liberdade criativa. Para Saburo, com sete anos, quem mais seria tão importante quanto estes personagens, para se reunirem com seu pai e decidirem o futuro da província?

O primogênito de Shigeki Ono, Hiroto, seguiu a carreira musical e, contrariando as expectativas familiares, se apaixonou por uma atriz do teatro burlesco, com a qual foi morar, abrindo mão das posses e heranças familiares que eram de seu direito.

Keiki (2º filho) seguiu os passos do pai, tornando-se médico e alcançando o cargo de Secretário de Saúde de Fukuoka.

Sugaku (1ª filha) casou-se com o violinista Hirotosugu Shinozaki (pseudônimo do autor Shojiro Shinozaki), violinista, professor, compositor e importante educador na área musical. Uma de suas principais obras, o “Atarashi Violin Kyuhon” (Novo Método para Violino), uma coletânea feita em parceria com dois outros educadores (Saburo Sumi, Tatsuo Uzuka),

publicada em 1951, ainda é amplamente utilizada para o aprendizado do violino. Suas filhas Isako Shinozaki e Ayako Shinozaki e seu filho Masatsugu Shinozaki também seguiram a carreira musical, com grande destaque nacional e internacional. Isako é violinista, Ayako, harpista e Masatsugu, violinista e compositor, atuando tanto na indústria cinematográfica quanto na composição de trilhas para animes (animações japonesas) e videogames.

Juchiro (4º filho), embora tenha se tornado economista, não possui uma história de vida monótona. Ao retornar dos campos de batalha, em 1945, para onde fora enviado na II Guerra Mundial, encontrou sua casa destruída e a esposa desaparecida. Os dois se encontraram muitos anos depois, ao acaso, em uma feira onde ela trabalhava. Ambos, ignorando o destino do cônjuge, haviam contraído novo matrimônio.

Yoshiko (2ª filha e caçula) era muito jovem quando meu avô deixou o Japão e ele pouco me falou sobre ela. Não encontrei registros, nem fotos. Meu pai me relatou que, alguns anos após a II Guerra, ela e o marido migraram para os Estados Unidos.

O brasão, ou “Kamon”, como é chamado na língua japonesa, que aparece parcialmente ao fundo do primeiro quadro, é o brasão da família Ono, utilizado há muitas gerações.



Hiroto Ono
Acervo do autor

Ser o terceiro filho foi determinante na construção do caráter de meu avô. Ele era comprometido com tudo o que fazia. Curiosamente, transmitia uma aura de responsabilidade e esforço e, ao mesmo tempo, uma leveza de espírito, uma despreocupação admirável, às vezes erroneamente interpretada como desleixo.

Concluiu seus estudos, do ensino médio, na Escola Shuyukan (atual 福岡県立修猷館高等学校). Na escola, destacou-se como carateca, graduando-se como 1º dan (faixa-preta) e como integrante da seleção de voleibol da instituição, atuando dois anos como capitão da equipe, participando de torneios estudantis nacionais com grande destaque.



Trecho da publicação comemorativa dos 50 anos da Associação de ex-alunos de Shuyukan, de 1952.
Saburo é o quarto de pé, da esquerda para direita.

Crédito da imagem: Yochiro Takeuchi

Nos quadrinhos do fim da página, um prospecto do Instituto Amazônia, criado em 1930, pelo deputado japonês Tsukasa Uyetsuka, e que, em conjunto com a Escola Superior de Colonização do Japão, ou “Nippon Koto Takushoku Gakko”, comumente chamada de KOUTAKU, fundada no ano seguinte, intencionava preparar e enviar jovens colonizadores à Amazônia brasileira.

O Instituto foi amplamente divulgado no Japão, principalmente entre as famílias mais influentes, que apresentavam condições de arcar com o alto custo da escola e dos primeiros anos de manutenção dos jovens no Brasil.

Página 14

O portão, retratado parcialmente, ainda existe no colégio de Shuyukan. A estrela de seis pontas (rokkosei), símbolo da instituição, presente também nos desenhos do portão e dos uniformes, foi adotada em 1894.

Daizafu Tenmangu é um templo xintoísta, construído sobre o túmulo de Sugawara no Michizane (845-903), professor, poeta e político que viveu no Japão e foi, posteriormente santificado. Michizane, sob a forma de Tenjin (天神), deus da sabedoria e do aprendizado, rege o templo. Provavelmente, a visita ao templo nunca ocorreu, pois Saburo não era uma pessoa de hábitos religiosos.



Antigo portão principal da Escola Shuyukan (em foto atual).

Fonte: Wikipedia, sob licença CC (creative commons).

Página 15

A estação de Hakata, base para a ilustração, foi inaugurada em 1889. O prédio retratado foi finalizado em 1909, permanecendo nesta forma até 1963, quando foi reformulado.

A locomotiva a vapor representada no segundo quadro é a C51, modelo construído no Japão de 1919 a 1928. A letra C indica que era uma locomotiva com três eixos motores.

A C51 realizava o trecho da viagem de nove horas, de Kobe a Tóquio, por meio da linha expressa Tsubame (燕, ou andorinha), implantada em 1930.

Outra curiosidade, datada de 1930, foi a adoção do sistema métrico decimal pelas companhias ferroviárias japonesas que, até a ocasião, utilizavam o sistema de medida imperial.

Página 16

O visual do interior da estação central de Tóquio foi baseado em um cartão postal de 1930.

A mala de Saburo contém um adesivo com o símbolo da linha expressa Tsubame.

Os prédios do Instituto também foram baseados em fotos de época e representam sua entrada principal, onde geralmente eram feitos os registros fotográficos das turmas.



Fachada principal da Nippon Koto Takushoku Gakko, ou simplesmente KOUTAKU, em 1932.
A foto retrata a 3ª turma, na qual estão Saburo e Ikuro.

Acervo do autor.

O encontro de Saburo e Ikuro (meus avôs, paterno e materno) mostrado nesta página é fictício e improvável. Foi inserido para ilustrar que, apesar de sua diferença de personalidade, se tornaram grandes amigos.

Página 17

Estão Representados na página o Deputado Tsukasa Uyetsuka e os brasões do Instituto Amazônia e do Koutaku (“Nippon Koto Takushoku Gakko”).

Importante político e empresário japonês, o Sr. Uyetsuka viabilizou a emigração japonesa para diversos países, entre eles o Brasil.

Página 18

A guerra russo-japonesa é considerada um dos estopins para o incentivo à emigração japonesa. A despeito da guerra estar situada entre os anos de 1904 e 1905, suas consequências políticas e principalmente econômicas se estenderam pelo Japão durante muitos anos. Apesar de os japoneses considerarem-se vencedores, havia o descontentamento político e popular com o resultado da guerra devido à não anexação de parte dos territórios inicialmente almejados e ao aumento significativo de impostos. Desta forma, alguns historiadores consideram este cenário como determinante para a ascensão do militarismo japonês que, entre outros ideais, incentivava a expansão de seu território.

A colina que aparece ao fundo apresenta o mesmo recorte da colina retratada por Angelo Agostini (considerado o primeiro cartunista/

quadrinhista brasileiro), em sua ilustração intitulada “UM EPISÓDIO DA GUERRA RUSSO-JAPONESA. Depois da Batalha de Liao-Yang - Transporte de feridos russos pela Cruz Vermelha”. Trata-se de uma discreta e oculta homenagem.

O cartaz incentivando a emigração ao Brasil (ブラジル) é uma releitura sob meu traço. Nos dizeres “さあ行か。家をあけて南米”(Vamos com a família para a América do Sul!).

Apesar de já existirem japoneses no Brasil, oficialmente, a chegada dos imigrantes japoneses é comemorada em 1908, com o aporte do navio Kasato Maru.

Página 19

A abolição da escravatura no Brasil, em 1888, também contribuiu diretamente para a vinda dos japoneses ao país. A necessidade de substituição da mão de obra, originalmente escrava, nos cafezais do sudeste, principalmente no estado de São Paulo, veio de encontro às aspirações das companhias migratórias japonesas.

Contudo, no campo, os capatazes não estavam acostumados a lidar com uma mão de obra não escrava e havia também a barreira da língua, o que promoveu alguns atritos ainda no início da colonização. Em 1910, Shuhei Uyetsuka, primo de Tsukasa, assumiu a representação da Companhia Imperial de Migração no Brasil, conhecendo estes problemas e os gerenciando.

Além das terras concedidas pelo governo do Amazonas, para o projeto, o Dr. Tsukasa Uyetsuka adquiriu uma localidade chamada de Vila Batista, próxima ao município de Parintins. Este vilarejo, que teve seu nome posteriormente trocado para Vila Amazônia, serviria de ponto de partida para a implantação do Instituto Amazônia, recebendo os primeiros colonos.

Página 20

O quadro que representa a aula com o mapa da região amazônica, foi baseado em uma fotografia.



Cartaz japonês com convite à emigração.
Fonte: Wikipedia, sob licença CC (creative commons).



Sala de aulas teóricas do KOUTAKU.
Acervo do autor.



Vista posterior da escola, com os campos para aulas práticas.

Acervo do autor.

Além das aulas teóricas, com conteúdo sobre a região a ser desbravada, atividades esportivas, como artes marciais, e outras mais práticas, como princípios de carpintaria e agricultura, também eram desenvolvidas.

Os alunos da Koutaku (“Nippon Koto Takushoku Gakko”), provenientes de diversas províncias do Japão, criaram fortes laços durante sua convivência escolar, denominando a si mesmos como KOUTAKUSEIS.



Comitiva Brasileira em visita ao Instituto Amazônia de Tóquio.

Fonte: “O Japão que eu vi”.

Página 21

Em 1932, o Professor Henrique Paulo Bahiana, fazendo parte da comitiva diplomática brasileira, esteve em visita ao Japão. Sua estada rendeu a publicação de dois livros: “O grande Japão”, de 1932, que descreve aspectos históricos, políticos e econômicos do país, e “O Japão que eu vi”, de 1934, título no qual o autor detalha sua viagem. No segundo capítulo de “O Japão que eu vi”, o autor registra sua visita

ao Instituto Amazônia. Baseado na data da visita e no número de alunos presentes, citados pelo autor, é possível afirmar que a turma visitada foi a de Saburo e Ikuro (3ª turma). Quanto à apresentação de Kendo, o professor Bahiana descreve, em seu livro, os alunos como: “demonios lutando com indescritível vigor!”.

Página 22

O prédio retratado no primeiro quadro é inspirado em uma edificação do Parque Asakusa (浅草公園), no distrito de Asakusa, em Tóquio. O local era conhecido por abrigar alguns dos melhores cinemas e teatros da época.

O cartaz representado é do filme “Tarzan the Ape Man” (Tarzan, o Homem-Macaco), lançado no Japão em 9 de setembro de 1932, e estrelado por Johnny Weissmuller (Tarzan) e Maureen O’Sullivan (Jane).

Filmes como este, embora ambientados em uma selva tropical africana, contribuíram para a estabelecer um conceito da Janguru (Jungle/ジャングル) ou selva, induzindo erroneamente o censo comum de que florestas tropicais, como as da Índia e do Congo, apresentam fauna e flora similares à floresta amazônica.

Página 23

O início do projeto foi bastante penoso para as duas primeiras turmas do Instituto. Com 35 e 60 alunos, respectivamente, estas turmas possuíam a árdua tarefa de edificar as primeiras instalações do projeto. Desta forma, foram construídos, nestes primeiros anos, os prédios administrativos, os alojamentos, o ponto de observação meteorológica e o refeitório (aos quais seriam



Cerimônia de implantação da Vila Amazônia.

Acervo do autor.

somados, mais tarde, a escola, o hospital e o centro de atividades sociais), além disso, os alunos foram responsáveis também pelo preparo do terreno e pela construção de suas próprias moradias nos assentamentos da colônia, enfrentando o clima, as doenças e a fauna, que lhes fazia face. Não haviam gorilas nem leões, mas mosquitos, aranhas e carrapatos. Nas águas, os preocupavam a piranha, o poraquê e o candiru. Diante destas dificuldades, foram muitos os desistentes destas turmas. Parte dos que abandonaram o projeto regressou ao Japão, outra parte migrou para estados como São Paulo e Paraná.

O prédio retratado no segundo quadro foi um dos primeiros do Instituto a ser edificado na Vila Amazônia.

Após a Revolução de 1930, com a ascensão de um governo notadamente nacionalista, as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes japoneses, seja pela discriminação racial ou pelo receio do “expansionismo” japonês, ganharam mais força.

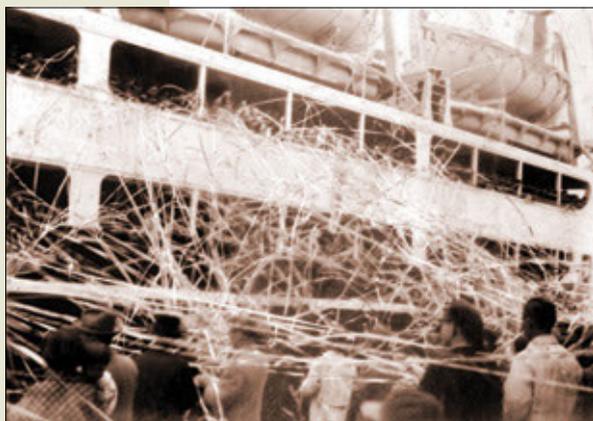
No campo político, a necessidade de ocupação da Região Amazônica, se sobrepôs à intenção de revisar a concessão de terras aos japoneses.

Página 24

O nascimento de mestiços não planejados promoveu uma mudança no preparo e envio de novos alunos/colonos. A partir da terceira turma, a grande maioria viria casada ou compromissada. Embora houvesse cerimônias de diversas religiões – o casamento de meus avós, Ikuro e Kiyoko, por exemplo, foi cristão –, a escolha das noivas era realizada de forma tradicional, pelos pais.

Os alunos da escola de colonização eram, como já mencionado, em sua grande maioria, de famílias influentes e/ou abastadas, por isso as noivas também faziam parte desta elite socioeconômica. Para ilustrar, escolhi o casamento de meu avô, Ikuro, cujo pai era dono de uma empresa de transporte público, e Kiyoko, filha do dono de uma grande indústria têxtil.

No canto da página, uma homenagem gráfica à obra do cineasta Hayao Miyazaki, um gato com padrão de pelagem incomum, seguido por um camundongo com uma plaqueta grafada com a palavra “basu” (バス), ou ônibus, aludindo a um de seus personagens.



Despedida da 3ª turma, no porto de Yokohama.

Acervo do autor.

Página 25

A partida do porto de Yokohama foi muito animada: uma banda de música e muitos confetes fizeram parte da despedida, mantendo as boas expectativas e os ânimos da turma que saía de sua terra natal. O desenho da turma se despedindo foi baseado em foto. A despedida dos familiares é ficcional, provavelmente não houve aperto de mãos. O envelope existiu, bem como outros enviados

ao Brasil. A maioria das famílias manteve o auxílio financeiro aos alunos durante muitos anos, para subsidiar sua manutenção no país.

No Brasil, o “Montevideo Maru”, navio que trazia a terceira turma, aportou no Rio de Janeiro no dia 12 de abril de 1933. Mais tarde, durante a II Guerra, este navio seria abatido, após ter sido transformado em transporte para prisioneiros de guerra.

Página 27

A ilustração do navio é baseada na maquete do “Kasato Maru”, exposta no “Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil”, do Bunkyo (Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social), localizado no bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo.

Página 31

Todos os Koutakuseis, ao chegarem à região, eram recebidas inicialmente na Vila Amazônia. A turma de Saburo chegou no dia 1 de junho de 1933, sendo composta por 73 alunos (a maior entre todas as sete turmas enviadas no decorrer do projeto). Depois de um pequeno período de adaptação, os alunos eram enviados para as colônias. A terceira turma foi encaminhada para a Colônia Modelo de Andirá.

Meu pai me relatou, em certa ocasião que, mesmo frente às adversidades iniciais, meu avô ficou muito feliz com sua decisão, encarava os desafios como uma aventura a ser superada e desfrutada. Neste período, ele foi realmente muito feliz.

Página 32

A plantação de alimentos e a criação de gado foram o foco inicial dos primeiros colonos. O emprego da mão de obra local foi de grande importância para o projeto. A troca de conhecimentos e hábitos foi geralmente benéfica para todos.

Página 33

Com alguma liberdade poética, este episódio aconteceu “quase” desta maneira e foi relatado textualmente pelo autor Antônio Cândido da Silva, em seu livro “Vila Amazônia - Os koutakuseis”, lançado em 2012.

Página 37

Meu bisavô, pai de Yasuyo, o Sr. Tamotsu Tokuzawa, foi militar de carreira. Após ter retornado da guerra, assumiu o posto de comissário de polícia em Fukuoka. Na época, como o casal Tokuzawa (Tamotsu e Ichi) não possuía filhos homens, minha avó estava sendo preparada para assumir as rédeas familiares.

No Japão da década de 1930, somente 20% dos estudantes do sexo



Tamotsu e Ichi Tokuzawa, com Yasuyo.

Acervo do autor.

masculino concluíam os cinco anos das escolas secundaristas, enquanto apenas 17% das mulheres o faziam, isto em escolas que lhes ensinavam a tornarem-se esposas e mães. Estudar na Faculdade de Medicina de Kyushu (cujo prédio está representado nesta página) era um acontecimento raríssimo e foi um sonho cultivado por minha avó até seus 16 anos de idade.

Página 38

O nascimento de Makoto Tokuzawa, foi o acontecimento que selou o destino de minha avó. Seu pai não acreditava na necessidade de empreender esforços, para a formação de uma filha (além do tradicionalmente já empreendido). Assim, sendo frequentadores do

mesmo círculo social, o Presidente da Assembleia Legislativa e Comissário de Polícia (Shigeki e Tamotsu), decidiram pelo casamento de seus filhos.

Página 39

Minha avó se casou em 1937, em uma cerimônia familiar, sem a presença do noivo, que ela só conhecia por fotografias. Depois de algum tempo, viajou na companhia da sétima e última turma de Koutakuseis que viria ao Brasil (e também a menor, com apenas cinco alunos).

Página 40

Da Colônia Modelo (em Andirá), as turmas eram redirecionadas para seus assentamentos. A 3ª turma foi dividida, com alguns alunos destinados ao terreno de Boa Fonte e outros ao de Tauaquera (para onde foi meu avô). As casas eram construídas em regime de mutirão, com os alunos ajudando uns aos outros.

O início no Brasil foi muito sofrido para minha avó. Certa vez, ela me

confessou que chorava muito, todos os dias. O choque da mudança justificava sua tristeza, ela saíra de um Japão moderno, com energia elétrica, automóveis e telefones, para uma região não desbravada do Brasil, literalmente indo morar na selva.

Página 41

A cena da perda, dos bens trazidos do Japão foi apropriada de outra biografia de minha avó materna, Kiyoko.

Página 42

O Hakko Kaikan foi um centro para atividades sociais, construído em forma de templo, em 1940, na Vila Amazônia.



O Hakko Kaikan, construído sob supervisão do Sr. Eijiro Matsunaga.

Acervo do autor.

Página 43

A cena dos animais foi relocada para o lado de fora da residência, eles furtavam os alimentos pelas janelas. A aceitação do marido e o afeto surgiram com o decorrer do tempo. Testemunhei, anos mais tarde e em diversas ocasiões, o amor que ela dedicava a ele.

Página 44

Muitos imigrantes mantiveram vários hábitos e costumes trazidos do Japão durante toda sua vida. Minha avó Kiyoko cultivou a poesia e, em 2005, recebeu uma premiação pelo melhor Tanka (uma espécie de poema japonês, que obedece a determinadas regras vocabulares e métricas), em um concurso promovido mundialmente pela casa imperial japonesa.

As jovens esposas, algumas com 17 anos, tinham sorte se conseguiam se deslocar para conceber seus filhos na Vila Amazônia. A grande maioria dependia de suas vizinhas, parentes e amigas para a realização de seus partos. Um parto bem sucedido chamava outro, assim, certas jovens, esposas de Koutakusei, ficaram bem conhecidas como parteiras, realizando o procedimento não somente para as mulheres dos colonos, mas também para outras da região. Minha avó Kiyoko realizou mais de 20 partos.

O mapa, desenhado, representa a localidade de Andirá e a distribuição dos assentamentos originais.

Página 46

Quando eu era garoto, com uns seis anos, fiquei impressionado quando vi meu avô sem camisa pela primeira vez. Embora não influenciasse em nada sua mobilidade, a cicatriz que trazia nas costas, bem próxima ao ombro, era extensa e profunda.

A cicatriz concedia aspereza a um semblante que era só sorrisos e alegria. Eu, claro, sempre que podia, perguntava novamente pela história. Com o passar do tempo, cada narração me enriquecia com mais detalhes.

Página 48

O cultivo da juta na Amazônia brasileira é um capítulo importante na história da imigração japonesa, suas implicações históricas e socioeconômicas foram detalhadas em diversas obras científicas e ficcionais. Todas estas obras apresentam dois consensos: que a responsabilidade por sua introdução e o desenvolvimento de seu cultivo se deram por meio do grupo dos Koutakuseis; e sua vital importância econômica para os estados do Pará e Amazonas, durante as décadas de 1940 e 1950.

Os Srs. Tsukasa Uyetsuka e Koutaru Tuji idealizaram o plantio após estudarem a viabilidade econômica do mesmo. Contando com a experiência trazida das colônias, na Índia, puderam antecipar o sucesso da empreitada, pois, ao contrário de outras culturas, que demoravam a mostrar resultados, a juta produzia a fibra em menos de um ano, sendo que a demanda para fabricação de sacas para o mercado exportador de café era imensa. A grande maioria dos Koutakuseis esteve, de alguma forma, envolvida no plantio e na comercialização da juta.

Página 49

Meu pai nasceu em 19 de maio de 1938, em um período em que a hostilidade aos imigrantes provenientes dos países do eixo (Alemanha, Itália e Japão) se agravou. Neste mesmo ano, devido à política de nacionalização promovida pelo governo Vargas, foi promulgada uma lei que proibia que as pessoas se expressassem publicamente nas línguas destes países.

Página 50

No quadro, para representar o militarismo exacerbado da época, há um Panzer II (oficialmente Panzerkampfwagen II), tanque leve, utilizado pelo exército alemão, de 1936 a 1945.

A partir do ataque japonês ao porto americano de Pearl Harbor, no Havai, em 7 de dezembro de 1941, e com o conseqüente ingresso dos EUA na II Guerra, a hostilidade aos imigrantes japoneses se intensificou. Com os ânimos acirrados, desde o ataque alemão ao navio brasileiro “Taubaté”, em março de 1941, e sendo o país aliado aos norte-americanos e contrário ao eixo, o Brasil corta, em janeiro de 1942, relações econômicas e diplomáticas com o Japão, cuja embaixada e consulados foram fechados.

As notícias e propagandas antinipônicas também tornaram-se mais frequentes, assim como as decisões governamentais. Em março de 1942, o Decreto-Lei nº 4.166 determinava o confisco de parte do patrimônio destes imigrantes e o confisco total dos bens de entidades culturais ou recreativas mantidas ou criadas pelos mesmos.

Diante deste cenário, a dispersão da colônia apresentava-se como uma solução de curto prazo, para amenizar as represálias.

Em setembro de 1942, todos os participantes do Instituto remanescentes na Vila Amazônia foram presos, com exceção do Sr. Oyama e do Dr. Toda (responsável pelo atendimento no hospital construído pelos Koutakusei, na Vila). Eles foram enviados para um campo de prisioneiros existente no município de Acará, no estado do Pará, e todos os bens do Instituto presentes na Vila, como edificações (incluindo o hospital e a serraria), plantações e gado, foram confiscados.

Em outubro de 2011, o estado do Amazonas, por meio de sua Assembleia Legislativa, promoveu uma retratação oficial aos Koutakusei da Vila Amazônia, em razão do ocorrido.

Página 52

Alguns Koutakusei deslocaram-se para locais bem distantes. Meu avô, Ikuro Harada, foi um exemplo. Juntamente com outros Koutakusei, adquiriu terras no estado do Pará, no município de Oriximiná, em uma localidade denominada de “Boto”.

Saburo mudou-se para a localidade conhecida como “Barreirinha”, no Amazonas. Tendo adquirido terras na várzea, o plantio da juta se mostrou bastante rentável e produtivo. Por conta da natureza amigável e prestativa da família, apesar do preconceito que pesava sobre os imigrantes japoneses na época, rapidamente fizeram amigos.

Na ilustração, há um trator da marca “Allis-Chalmers”, do período. Saburo possuía um dos poucos que havia na região.

Página 53

O episódio das cartas é verídico. Foi relatado pela minha própria avó. Durante anos, me perguntei sobre a razão de meu avô as ter guardado, já que o fato de não as destruir, caracterizava a intenção de devolvê-las, ainda que tardiamente.

Deixo o leitor tomar suas próprias conclusões, com base em seu próprio tempo e em sua cultura.

Página 54

Embora entendessem sua dinâmica de ação, as piranhas eram temidas pelos japoneses. Esses peixes, sem estímulo, não atacavam pessoas nem animais, era necessário que houvesse algo na água, como sangue de um machucado, restos de alimentos ou outra coisa para que agissem.

Uma memória compartilhada pela minha mãe é das piranhas atacando as canelas arranhadas dos bois e as úberes das vacas, causando grandes prejuízos.

A história do dedo perdido de titio foi contada à mesa diversas vezes. Ser o primogênito e ter a responsabilidade de cuidar dos irmãos fizeram com que meu pai se sentisse culpado pelo acontecido. Tentou, durante muito tempo, pescar a piranha que atacou seu irmão.

Página 55

Em 1945, meu avô foi preso e levado de Barreirinha. Nossa família nunca soube os motivos que levaram à sua detenção, visto que outros vizinhos, igualmente de origem japonesa, não sofreram as mesmas sanções.

Página 56

Meu avô ficou preso em Manaus (capital do estado do Amazonas) por um período de 96 dias. Sua saúde ficou muito debilitada e, após contrair malária na prisão, emagreceu até ficar irreconhecível. Com receio de criar alguma indisposição com os imigrantes japoneses residentes em Manaus, por conta de um possível falecimento de um nikkei na prisão, ele foi solto. Havia um interesse em manter as relações com certa estabilidade, pois o mercado da juta dependia, em esmagadora parte, dos imigrantes japoneses.

Página 58

A luta sempre foi uma história que, embora constantemente narrada por meu pai, carecia de certa credibilidade. Meu avô, debilitado, derrotar um campeão de luta-livre profissional em menos de um minuto parecia surreal. Ao pesquisar, descobri sua veracidade. Na revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, consta um artigo que credita ao meu avô a introdução do Caratê Olímpico no estado do Amazonas, em 1946.

Página 59

Shiro existiu.

Página 60

Após derrotar o Sr. João Isaac, conhecido como “Tarzan amazônico”, Saburo permaneceu em Manaus durante alguns meses, lecionando Caratê.

Página 62

Muitos japoneses se converteram à “fé cristã”, sendo batizados e recebendo “nomes de santos”. De certa maneira, era mais um recurso para aumentar a aceitação por parte da comunidade local. Além disso, nomes como Raimundo, Balbina e José (nome de batismo de meus avós e pai) eram, sem dúvidas, mais fáceis de ser gravados pelos brasileiros.

Página 63

O batismo de meu pai aconteceu desse jeito mesmo, parece piada, mas a situação foi verídica.

Página 64

Batizado, meu pai poderia cursar o primário. Para tanto, precisou sair de Barreirinha para Parintins, onde ficou hospedado em uma espécie de pensionato estudantil, mantido pelo casal Takamura, e onde se hospedavam vários filhos de japoneses.

O hábito dos jovens saírem de sua casa para morarem nesses “pensionatos” mantidos pela comunidade nikkei, em busca de estudo nos centros mais desenvolvidos, era comum e se perpetua, na comunidade, em algumas grandes cidades brasileiras.



A Sra. Takamura, junto com algumas crianças do pensionato.
Meu pai é o segundo entre os que estão sentados
(da esquerda para direita).

Acervo do autor.

Página 67

Embora meu pai considere a história da luta de meu avô o melhor dos relatos, eu sempre vou preferir a do “Cheguei Hoje”.

Página 68

A feira e o café da manhã, quando narrados para mim ainda criança, sempre me fizeram pensar em épocas de maior austeridade, com sofrimento por parte dos sujeitos que passaram por aquela experiência, talvez pelo fato de que cada geração tente suprimir da vivência da próxima essas pequenas dificuldades.

Entretanto, adulto, compreendi que nunca houve sofrimento, e sim gratidão e a alegria do viver, permeadas nas tarefas cotidianas.

Página 69

Embora o Festival Folclórico de Parintins tenha sua primeira edição datada em 1965, a batalha entre os bois Caprichoso (que utiliza a cor azul e ostenta a estrela na testa) e Garantido (do coração vermelho) já existia há muitos anos. A criação do Caprichoso data de 1913 e, naquela época, o que determinava o “lado” para o qual se devia torcer era a localização da moradia na cidade. Atualmente, o festival ocorre todos os anos, no final do mês de junho, tendo sido reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN como Patrimônio Cultural Brasileiro.

O Mercado Municipal de Parintins, mostrado ao fundo do primeiro quadro, foi inaugurado em 1937 e funciona até os dias atuais.

Henrique Sato, que procurei retratar e homenagear nesta e em outras sequências desta publicação, foi, até a data de seu falecimento, em 2016, um dos melhores amigos de meu pai, sendo igualmente descendente de Koutakusei, o conhecia desde criança, compartilhando com ele muitas aventuras e memórias.

Página 73

A traquinagem do Arco é, sem dúvida, outra ótima história, nunca antes contada para meus filhos.

Página 74

A viagem de Parintins para Manaus durava mais de um dia. Ainda é um hábito, na região, atar redes dentro dos barcos, para repousar e dormir nas longas viagens fluviais.

A edificação ao fundo do último quadro é uma parte do Mercado Adolpho Lisboa, construído em 1883, na cidade de Manaus.

Página 75

Para ilustrar a chegada em Manaus, outro ícone da cidade, o Teatro Amazonas, inaugurado em 1896.

Página 76

Em Manaus, meu pai foi estudar o ginásial (hoje correspondente ao período que vai do 6º ao 9º ano do primário) em regime de internato. O colégio ainda atende o ensino primário e secundário, entretanto, somente ofertou o internato de 1925 a 1959.

Página 77

O Sr. Ryozo Esashika também foi um dos amigos que meu pai cultivou por muitos anos. Lembro que, quando faleceu, o Sr. Ryozo era um ilustre odontólogo em Belém, capital do estado do Pará. Para meu pai, era seu amigo, o “Feijão”.

Página 79

Na década de 1980, como fã de Rock e Heavy Metal, eu utilizava os cabelos compridos, e costumava me vestir “a caráter”, com jeans rasgados e pulseira de tachas.

Comum nos adolescentes, meu sentimento de inadequação era grande. Por não dominar a língua japonesa, não frequentava as atividades da comunidade nikkei e, no dia a dia, sofria zombarias e gozações por ter os olhos puxados. Eu não me sentia nem japonês, nem brasileiro o bastante.

Página 80

A geração de meus pais vivenciou a hostilidade aos imigrantes e seus descendentes, por toda a infância e por muitos anos. Este sentimento foi

importante para a formação de seu caráter e também para estabelecer a maneira com que se relacionaram com as tradições e os costumes japoneses.



Foto da turma do São José.
Minha mãe é a 3ª, de pé, da esquerda para direita, e “tia” Giza, a 5ª.
Acervo do autor.

Página 81

Apesar de toda a oposição sofrida, meus pais e avós sempre possuíram muitos amigos. A Giza (Maria de Jesus), que considero como uma tia, e a Irmã Feliciano, que ilustrei nesta página, são personagens importantes nas memórias de minha mãe. Quando relatava seu quase óbito, por conta de um problema de apendicite, lembrava da freira que cuidara dela.

Página 82

Em outubro de 1958, meu avô Ikuro estava na cidade de Manaus, à serviço de uma companhia migratória japonesa. Foi encontrado morto no dia 22, no quarto de hotel onde estava hospedado. Suicídio foi a resposta oficial das autoridades, mas não havia nenhuma carta nem quaisquer evidências (comuns, nestes casos) e Ikuro estava vivendo um momento muito bom em sua vida, sanando algumas dívidas que contraía e fazendo planos para o futuro. Inconformados, naquela época, meus tios, mãe e avó nada podiam fazer.

Página 83

O episódio da morte de meu avô foi marcante para seus filhos e filhas mais velhos. Realmente, passei muitos anos sem tocar no assunto e as gerações mais novas da família pouco conhecem a respeito desta história.

Página 84

Buscar melhores condições de educação foi um norteador para muitos descendentes de imigrantes. A ascensão profissional e o destaque social eram a principal estratégia para lutar contra o preconceito. Minha mãe e suas irmãs lecionaram para crianças e adultos, custeando, assim, seus estudos e moradia, em Óbidos, Santarém e Belém.

Minha mãe passou no vestibular, para o curso de Serviço Social, em 3º lugar e tia Giza passou em 1ª.

O pensionato, sob responsabilidade do casal Sr. e Sra. Kokai, recebia, em Belém, os nikkeis do interior e era mantido pela Associação Pan-Amazônia Nipo-Brasileira. O pensionato estava localizado na Travessa Nove de Janeiro, onde, atualmente, está instalado o Hospital Amazônia, mantido pela Beneficência Nipo-Brasileira.

Tanto a Associação Pan-Amazônia Nipo-Brasileira – APANB (fundada em 1958) quanto a Beneficência Nipo-Brasileira da Amazônia (BENAMA, originalmente Associação de Assistência aos Imigrantes Japoneses, criada em 1965) existem até os dias atuais, atendendo à comunidade (nikkei e não nikkei) da cidade e da região.

Página 85

Com a intenção de concluir seus estudos, em 1960, meu pai veio para Belém. Nos primeiros dias, ficou hospedado no centro da cidade. Coincidentemente, quando estava com os recursos escassos, encontrou um amigo da época do Dom Bosco, que lhe propôs praticar, de maneira compromissada, a regata como esporte, desta forma, o problema de moradia estaria resolvido. Assim, meu pai foi morar na sede náutica do Clube do Remo, que, até os dias atuais, é uma das maiores agremiações desportivas do Norte do Brasil. Inicialmente fundado como clube de regatas, em 1905, hoje é mais conhecido por sua atuação em outros esportes, como o futebol de campo.

Página 86

No tempo que morou no Clube do Remo, meu pai concluiu os estudos em contabilidade. Bilíngue, rapidamente conseguiu uma colocação de trabalho em uma grande empresa japonesa que já havia se instalado no país. Nessa época, nos eventos da Associação, conheceu minha mãe.



Meus pais e Heloísa (irmã caçula de meu pai), em evento na APANB, na década de 1960.

Acervo do autor.

Página 87

Em 1964, Tóquio foi o palco dos jogos da 18ª Olimpíada da era moderna. Neste mesmo ano, meu pai teve a oportunidade de viajar, a trabalho, para o Japão, onde encontrou-se com parentes que até então só conhecia por fotografias.

Nas ilustrações, estão representados o “Shinkansen”, famoso “trem-bala” japonês, inaugurado no mesmo ano e o Buda gigante, existente desde o século XIII, no templo de Kōtoku-in (高德院), na cidade de Kamakura.

Na viagem, disse que estava noivo e trouxe presentes dos parentes, mas, só fez o pedido quando retornou.



Bodas de meus pais. Na mesa, bolo de casamento e sushi.

Acervo do autor.

Página 88

Mesmo decidida a não casar com um nikkei, minha mãe aceitou o pedido. Segundo ela, havia um contexto maior, de amizade entre as famílias, tradição etc., quase um “miyai” (casamento arranjado). Assim, se casaram em junho de 1964. Eu nasci apenas cinco anos depois, em 1969.

Nessa época, meu pai ainda não usava bigodes.

Página 90

Minha esposa é pernambucana (nascida em um estado do Nordeste do Brasil), e não é nikkei. Temos um casal de filhos que aproveitou essa mesclagem cultural de várias maneiras, seja pela ampla oferta de alternativas culinárias, seja em relação aos hábitos por vezes menos rigorosos de um ou outro lado da família.

Nessa passagem, narrada por mim, aparece meu tio caçula. Após muitos anos de viuvez, minha avó se casou com o viúvo de sua cunhada (e primo de meu avô), Kozo Harada. Kozo é o “vovô Harada” de minhas lembranças.

Com 47 anos, em 1963, minha avó teve seu último filho, João Carlos. Sendo apenas seis anos mais velho do que eu, sempre o idealizei mais como irmão do que como tio. Depois do episódio da “mamãe pata”, ainda passamos por muitas aventuras (e desventuras) juntos, chegando a tocar em uma banda de rock, durante a década de 1990.

Página 91

Em 1974, os negócios já não eram tão prósperos, e meu avô decidiu que era hora de se mudar de Barreirinha.

Nesta época, meu pai já residia em Belém e minha tia (Elba Ono) havia se mudado para o município de Tomé-Açu (PA). Minha tia e outras filhas de Koutakuseis foram deslocadas para outras colônias, com o objetivo de lecionar aos descendentes e imigrantes do pós-

guerra. Meu avô optou por um local onde pudesse ficar próximo destes filhos, adquirindo um terreno no município de Benfica, próximo a Belém.

Tia Elba, enquanto lecionava na colônia de Tomé-Açu, conheceu o Sr. Kazuo Okada, um imigrante japonês, com quem se casou, indo habitar no mesmo terreno que seu pai, onde foram construídas duas casas. Eu lembro que íamos a Benfica quase todos os finais de semana.

Neste novo terreno, com a plantação de pimenta-do-reino, o investimento rapidamente deu o retorno financeiro esperado.

A cultura da pimenta-do-reino, na região, esteve em alta durante muitos anos e era dominada pelos nikkeis, concentrados principalmente no município de Tomé-Açu. Este período de grande prosperidade foi responsável por fixar, no imaginário popular local, a imagem do japonês “endinheirado”.

Em 1976, pela primeira e última vez, Saburo visitou o Japão. Minha avó, que o acompanhou, ficou muito feliz de rever todos os parentes, entretanto, como me confessou em uma de nossas conversas, ele ficou bastante desconfortável, se sentia julgado por ter se tornado um homem do campo. Sentia não fazer mais parte daquele mundo que deixara há muitos anos para trás.

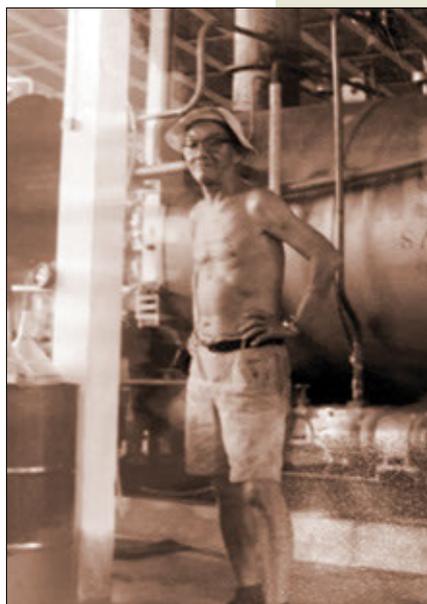
Página 92

Outro projeto, desenvolvido no sítio de Benfica, foi a plantação e a extração do óleo de patchouli,



Meus avós, em sua viagem ao Japão, em 1976.

Acervo do autor.



Meu avô, em frente a uma das caldeiras, na década de 1980.

Acervo do autor.

uma espécie de planta cujo óleo essencial é amplamente utilizado na indústria cosmética, por conta de seu aroma e poder de fixação.

No terreno de Benfica, além de vastas plantações, foram fabricadas as caldeiras, os depósitos, uma grande estrutura. Para mim, apenas um garoto na época, parecia uma estrutura colossal, entretanto, o vento não soprava a favor e, com mudanças nas políticas de financiamento agrário, mesmo com um montante considerável de contrapartida, o projeto deu muitos prejuízos, culminando com o terreno leiloado para o pagamento de dívidas.

Foi um duro golpe para meu avô.

Página 93

Eu permaneci muito tempo afastado dos costumes nikkeis. Somente com o nascimento de meus filhos, voltei meus interesses para a língua, a cultura e os hábitos japoneses.

Após a morte de meu avô, e depois de um breve período morando conosco, minha avó foi morar com tia Elba e tio Kazuo, em outro terreno, adquirido por eles, também em Benfica. Íamos visitá-la sempre que possível.

A música cantada por ela é “Nanatsu no ko” (七つの子, ou “os sete filhotes do corvo”), uma canção infantil extremamente popular no Japão.



Eu, tocando taiko em evento da APANB, em 2003.

Acervo do autor.

Página 94

Embora eu estivesse afastado, meu pai sempre foi muito atuante na comunidade Nikkei, chegando a ser eleito presidente da APANB por dois mandatos (2003-2007) e exercer o papel de conselheiro até 2017.

No fundo do último quadro, está o prédio atual da APANB, na travessa Quatorze de Abril, em Belém.

Página 95

Particpei das festividades da Associação, tocando o taiko, durante muitos anos.

No quadro está representado o Tanabata Matsuri ou “Festival da Estrelas”.

Comemorado há mais de mil anos no Japão e instituído como feriado nacional em 1603, o Tanabata celebra, segundo a mitologia da festividade, o amor eterno entre Orihime (織姫), a “Princesa Tecelã”, e Kengyu (牽牛),

o “Pastor do Gado”, representados, respectivamente, pelas estrelas Vega e Altair e destinados a se encontrarem somente uma vez ao ano, no sétimo dia, do sétimo mês, quando é celebrado o festival. Neste dia, pedidos são feitos para a princesa Orihime, através de mensagens escritas nos tanzaku (短冊), pequenos pedaços de papel colorido, as quais são depois penduradas nos ramos de bambu que ornamentam a festividade.

Página 96

No quadro, diversas referências que fizeram parte da minha infância. Embora, em maioria, fictícios, foram importantes para construção de minha identidade e autoestima.

Página 97

Como mencionei, o empenho e esforço em tudo que se faz não são apenas uma característica impregnada na cultura nipônica (gambare), mas também serviram para galgar patamares socioeconômico-educacionais de destaque, fundamentais na luta contra o preconceito.

O Brasil, atualmente, detém a maior comunidade nikkei fora do Japão, com mais de 1.400.000 pessoas, segundo relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2008.

Página 98

Em 2014, meus pais viajaram ao Japão. Meu pai foi agraciado com a comenda da Ordem do Sol Nascente com raios de ouro e prata, recebendo-a das mãos do próprio Imperador.

Página 99

O Undokai é promovido pela comunidade todos os anos. Uma espécie de gincana, na qual todos, nikkeis ou não, podem participar. Diversas modalidades



Meus pais, em sua viagem ao Japão, em 2014.

Acervo do autor.



Arthur, feliz com o terceiro lugar.

Acervo do autor.

conhecidas como corrida livre e “corrida no saco”, e outras hilárias, como o “chute ao coco”, fazem parte do repertório das brincadeiras.

Os prêmios eram compatíveis com as brincadeiras, às vezes um lápis, outras, um caderno ou achocolatado. O que valia mesmo era a diversão, e meus filhos, quando pequenos, contavam os dias para participarem. Ao fundo do primeiro quadrinho, o Colégio Gentil Bittencourt (localizado no centro de Belém), onde estudaram. Fundado

em 1804, é considerado o prédio educacional mais antigo do Brasil, ainda em funcionamento

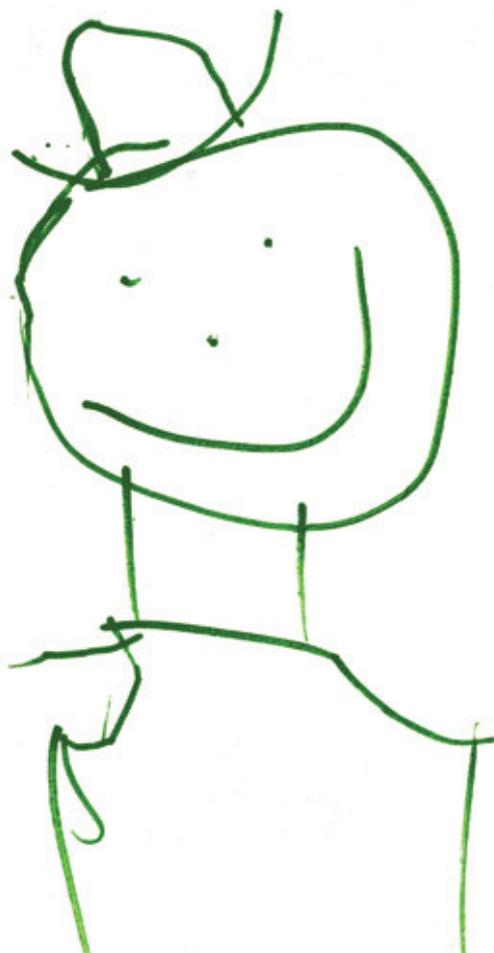
PRÓLOGO

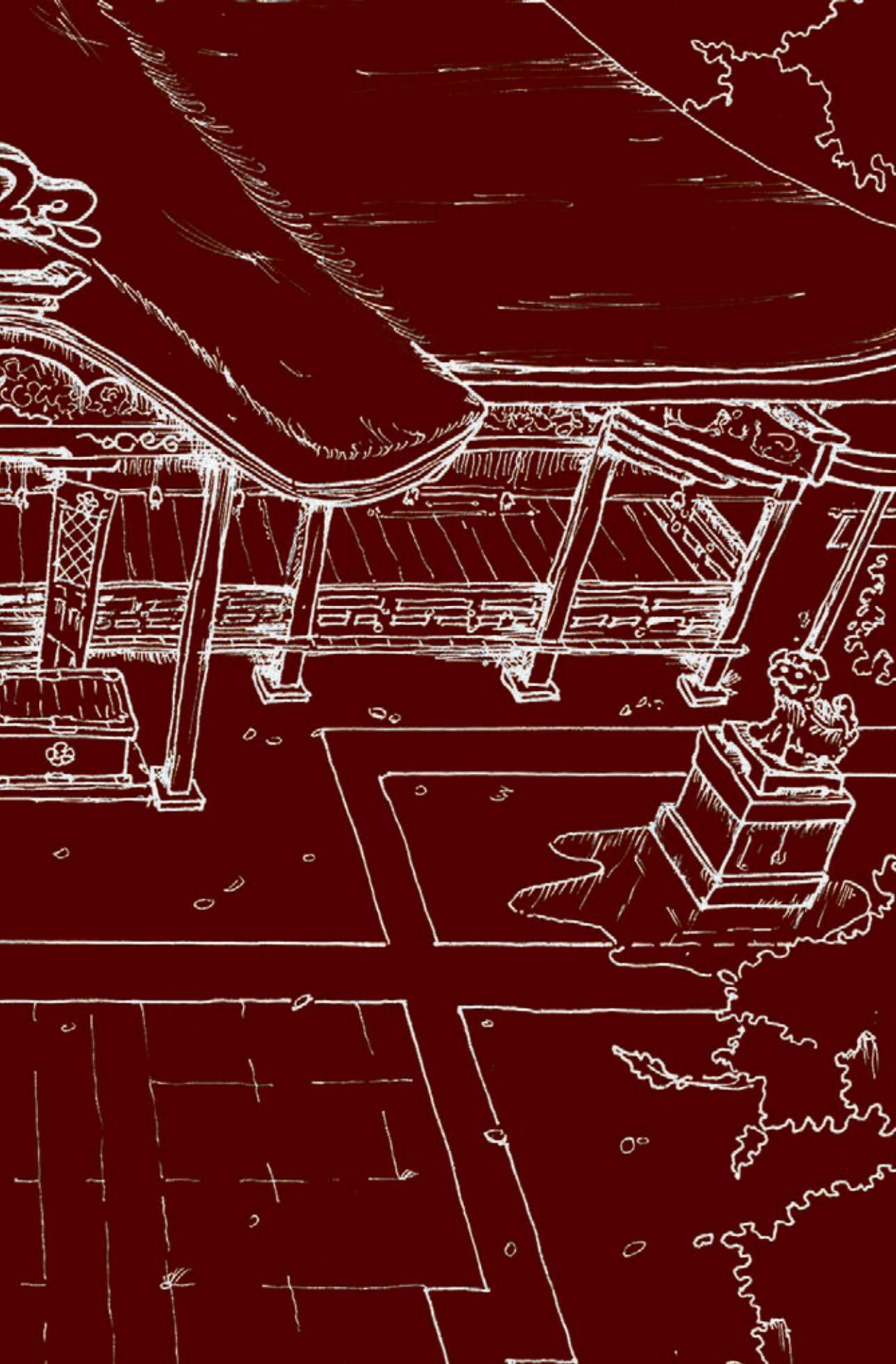
Todo recorte deixa lacunas.

Em uma narrativa, a possibilidade de acrescentar memórias e registros, (re)narrando um acontecimento sob diferentes prismas, seduz o contador de histórias.

É sua força motriz.

SABURO, por Ricardo Ono
Canetas hidrocor
1973







PPG Artes
Programa de Pós-graduação
em Artes da UFPA